

EXPEDIENTE

Primeira Igreja Batista em Divinópolis-MG

Pastor-Presidente: Pr. Tarcísio Farias Guimarães

Área Ministerial de Formação Cristã

Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

PALAVRA VIVA

Revista de estudos bíblicos para jovens e adultos.

Publicação trimestral.

3º Trimestre 2020 – Ano III – Nº 02

Coordenação Editorial Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

Supervisão Geral Pr. Tarcísio Farias Guimarães

Autor Prof. Fabiano Nogueira Cortez

Revisão e edição Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

Revisão final Pr. Tarcísio Farias Guimarães

Capa Gabriel Ferreira Cortez



Filiada à Convenção Batista Brasileira,
Convenção Batista Mineira
e Associação das Igrejas Batistas do Oeste de Minas

Telefone: (37)3222-9664 | (37)3221-1910

Endereço: Rua Pernambuco, 454 - Centro. Divinópolis / MG | 35.500-008

E-mail: pibdiv@hotmail.com | Site: www.pibdiv.org

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	03
LIÇÃO 01 – O CONHECIMENTO DE DEUS.....	04
LIÇÃO 02 – DEUS E A CRIAÇÃO.....	09
LIÇÃO 03 – O DEUS PAI.....	15
LIÇÃO 04 – O DEUS FILHO.....	20
LIÇÃO 05 – O DEUS ESPÍRITO SANTO.....	26
LIÇÃO 06 – A TRINDADE SANTA.....	32
LIÇÃO 07 – A SOBERANIA DE DEUS.....	38
LIÇÃO 08 – A PROVIDÊNCIA DE DEUS.....	43
LIÇÃO 09 – OS ATRIBUTOS DE DEUS.....	48
LIÇÃO 10 – OS NOMES DE DEUS.....	53
LIÇÃO 11 – O AMOR DE DEUS.....	57
LIÇÃO 12 – A JUSTIÇA DE DEUS.....	61
LIÇÃO 13 – DEUS E A ORAÇÃO.....	66
ANEXOS.....	71
REFERÊNCIAS.....	79

APRESENTAÇÃO

A Revista Palavra Viva apresenta sua primeira edição com ênfase doutrinária. Começaremos, então, pela doutrina de Deus, a espinha dorsal de toda a teologia. Com uma abordagem sistemática, a revista traz extensiva base bíblica para a fé, o conhecimento e a obediência ao Senhor. O autor, Fabiano Nogueira Cortez, escreveu lições da revista sobre Escatologia e tem trabalhado em revisões de outras revistas. Sua dedicação ao estudo bíblico e o interesse especial pela apologética serão percebidos pelo leitor no excelente texto que escreveu.

O tema escolhido para a revista, *A Doutrina de Deus – crer, conhecer e obedecer*, resume a proposta de estudo. Na doutrina de Deus (área da teologia chamada de Teontologia) encontramos o conteúdo mais essencial da nossa fé, o reconhecimento dos limites da nossa razão e o maior desafio à nossa prática cristã. As lições foram distribuídas de acordo com os principais aspectos da doutrina: O Conhecimento de Deus, Deus e a Criação, O Deus Pai, O Deus Filho, O Deus Espírito Santo, A Trindade Santa, A Soberania de Deus, A Providência de Deus, Os Atributos de Deus, Os Nomes de Deus, O Amor de Deus, A Justiça de Deus, Deus e a Oração.

Incluimos nesta edição dois recursos importantes para o estudo da revista. No início de cada lição, um quadro com o objetivo, o texto devocional e as leituras diárias. No final, um questionário com cinco perguntas de estudo. Tanto para o aluno da Escola Bíblica quanto para o estudo pessoal, servirão de suporte para um melhor aproveitamento. Manteremos o quadro e o questionário nas próximas edições e estamos abertos para a inclusão de novos recursos que possam tornar o estudo bíblico mais eficaz.

Somos gratos a Deus por poder apresentar à igreja (e aos demais leitores) uma revista com conteúdo bíblico e cristão, muito bem escrita e com novas ferramentas de estudo. Queremos uma Escola Bíblica Dominical cada vez mais forte e, por isso, contamos com a participação de todos, professores e alunos, com todo o empenho no estudo na sala de aula e em casa. Nossa igreja segue comprometida em incentivar e orientar a todos para que *“conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor”* (Oséias 6:3).

Para a Glória de Deus,

Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

Ministro de Formação Cristã da PIB em Divinópolis-MG

CONHECIMENTO DE DEUS

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender bíblicamente as formas básicas da revelação de Deus e conhecer os principais argumentos em defesa da sua existência.	<i>Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos.</i> (Salmo 19:1)	<i>Segunda</i>	Salmos 19:1-6
		<i>Terça</i>	Atos 17:22-31
		<i>Quarta</i>	Romanos 2:12-16
		<i>Quinta</i>	2 Pedro 1:19-21
		<i>Sexta</i>	Hebreus 1:1-3
		<i>Sábado</i>	Salmos 19:7-10

INTRODUÇÃO

No mundo pós-moderno em que vivemos, com as diversas “verdades” disponíveis, a defesa de um conhecimento objetivo da realidade, conforme defendido pela fé cristã, se torna cada vez mais difícil. “Se o conhecimento em si é sempre relativo, segue-se que Deus não pode ser conhecido também. É exatamente essa uma das principais afirmações do ateísmo e do agnosticismo.” (Ferreira, Franklin, 2007).

Mas será que isso é assim mesmo? Deus pode ou não pode ser conhecido? Essa é a dúvida que a doutrina da revelação de Deus procura responder.

REVELAÇÃO GERAL E REVELAÇÃO ESPECIAL

Como é possível conhecer Deus? Ele é eterno, soberano, todo poderoso, mas será que saberíamos disso se Ele não se revelasse? Pois bem, Deus quis se revelar ao homem e, para isso, utilizou alguns meios que veremos aqui.

A “revelação” no contexto bíblico implica em um processo de “descobrimto” ou “desvendamento” de algo que estava escondido ou desconhecido. Nesse processo, Deus utilizou-se de duas maneiras para se revelar:

A REVELAÇÃO GERAL: É a revelação que se utiliza de meios naturais e suficientes para despertar no homem a consciência da existência de Deus. Existem os seguintes meios pelos quais Deus se revelou:

- A natureza (Salmos 19:1-6; Atos 14:17; Romanos 1:18-21);
- A providência divina e a condução da história (Atos 14:17; 17:22-31);
- A natureza moral/religiosa do homem (Gênesis 1:26; Romanos 2:14-15).

A REVELAÇÃO ESPECIAL: É a revelação sobrenatural de Deus, através da qual o homem toma consciência de que é pecador e necessita de Jesus Cristo para a sua salvação. Existem os seguintes meios para essa revelação:

- A Bíblia (2 Timóteo 3:15-17; 2 Pedro 1:20-21; Hebreus 1:1);
- Jesus Cristo (João 1:18; Efésios 2:20; Hebreus 1:2-3; 1 João 5:9-12).

Podemos resumir as duas revelações no seguinte quadro¹:

REVELAÇÃO GERAL	REVELAÇÃO ESPECIAL
UNIVERSAL – porque se destina a todo mundo e em todos os lugares	ESPECIAL – porque é dada a pessoas específicas em lugares específicos
NATURAL – porque se deu através da ordem natural	SOBRENATURAL – pois envolve a encarnação do Filho e a inspiração das Escrituras
CONTÍNUA – pois vem desde a criação do mundo e continua dia após dia	FINAL – pois é completa em Cristo e nas Escrituras
CRIACIONAL – pois revela a glória de Deus através da criação	SALVADORA – pois manifesta a graça de Deus em Cristo

É possível perceber que a revelação de Deus se dá, então, de maneira progressiva. Quando uma pessoa entende a primeira revelação de Deus, através da natureza, ela está dando o primeiro passo em direção a Deus. Mas isso não é o bastante. O homem precisa dar o segundo passo e crer na Palavra de Deus. Credo na Palavra de Deus, o homem está bem perto de dar o último passo em direção a Deus, que é crer em Jesus Cristo para a sua salvação.

Utilizando o Salmo 19, podemos resumir bíblicamente as formas para o conhecimento de Deus:

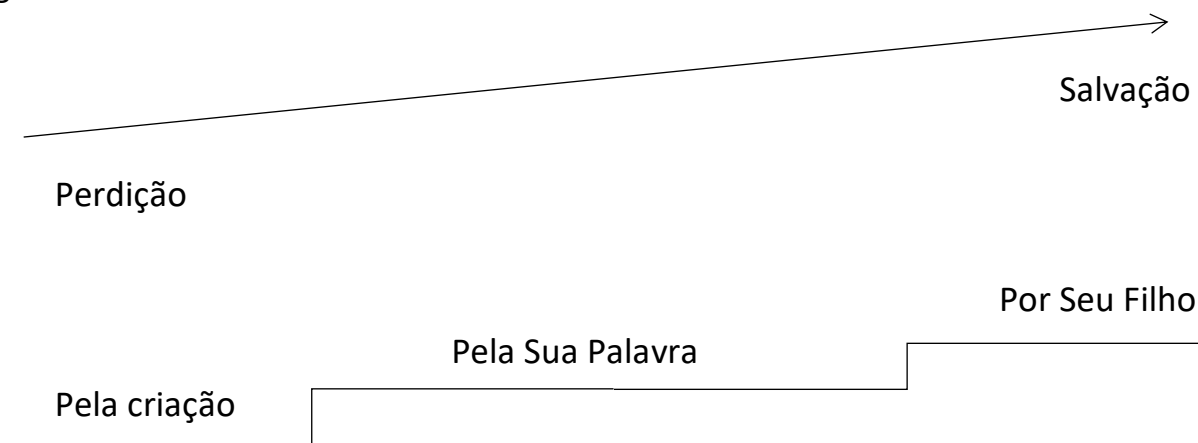
Dos versos 1 ao 6, vemos o salmista descrever a grandeza dos céus e do firmamento que anunciam a glória de Deus. As maravilhas da natureza estão disponíveis para qualquer um que quiser ver, mas enxergar a ação de Deus por trás de toda essa beleza é apenas para os que veem além dela e buscam algo mais.

Dos versos 7 ao 10, o salmista passa a descrever as bênçãos que são o conhecimento da Lei do Senhor, os seus mandamentos e seus juízos que são mais doces do que o mel,

¹ Adaptado de citação de John Stott na Teologia Sistemática de Franklin Ferreira, págs. 71-72.

porém eles são refrigério e alegria apenas para aqueles que aceitam que Deus existe e se revelou através de sua Palavra.

Graficamente, podemos demonstrar o caminho para o conhecimento de Deus da seguinte forma:



ARGUMENTOS PARA A EXISTÊNCIA DE DEUS

Alguns filósofos cristãos como Anselmo da Cantuária e Tomás de Aquino², observando a natureza e usando a razão, elaboraram alguns argumentos para demonstrar que há um Deus que cria, governa e sustenta todo o universo.

A maior parte das provas tradicionais da existência de Deus pode ser classificada em quatro tipos importantes de argumento³:

1. O ARGUMENTO COSMOLÓGICO: Considera o fato de que todas as coisas que existem no universo têm uma causa. Portanto, arrazoando o argumento, o próprio universo deve ter necessariamente uma causa, e a causa de um universo tão grandioso só pode ser Deus. É insensato cogitar que o universo seja obra do acaso. Existe um Deus que criou e sustenta todas as coisas (Colossenses 1:16-17).
2. O ARGUMENTO TELEOLÓGICO: É na verdade uma subcategoria do argumento cosmológico. Concentra-se na evidência da harmonia, da ordem e do planejamento no universo, e argumenta que esse planejamento dá provas de um propósito inteligente (a palavra grega “telos” significa “fim”, “meta”, “propósito”). Como o universo parece ter sido planejado com um propósito, deve necessariamente existir um Deus inteligente e determinado que criou esse universo para funcionar assim. Quando pensamos em ciência, pensamos em experiências. Em todo o universo

² Anselmo da Cantuária e Tomás de Aquino, teólogos medievais, desenvolveram estes argumentos que são aceitos por todos os cristãos.

³ Extraído da Teologia Sistemática de Wayne Grudem, pág. 99

existe uma lógica inteligente que faz com que a ciência possa existir. Então, podemos pensar que, se tudo o que existe no universo não obedecesse a um propósito inteligente, como poderiam ser repetidos os experimentos e obtidos os mesmos resultados? Com isso, vemos que Deus, o planejador do universo, criou tudo de maneira lógica, obedecendo a leis que Ele mesmo desenvolveu (Jó 38:11,36; 39:19).

3. O ARGUMENTO ONTOLÓGICO: Esse argumento parte da ideia de que Deus é o Ser maior do que qualquer coisa que se possa imaginar, (“onto” significa “Ser” no grego). Se conseguirmos pensar desse modo, então concluiremos que, de fato, Deus existe. Essa característica da existência deve pertencer a tal Ser, pois, maior é existir do que não existir. Se existisse um ser maior do que Deus, então, este seria de fato o Deus, mas, como isso é impossível, conclui-se que Deus é o Ser supremo de todo o universo (Êxodo 18:11; 2 Crônicas 2:5).
4. O ARGUMENTO MORAL: Parte do pressuposto de que o ser humano tem a noção de certo e errado, e da necessidade de justiça. É óbvio que Deus colocou esses sentimentos dentro do homem, pois, Deus é a fonte de toda a justiça e padrão para se ter esse discernimento. Quando se pensa em atitudes questionáveis em todo o mundo como, por exemplo, que “matar é errado”, ou que “quem fez algo ruim deve pagar pelo que fez”, está se tratando de valores universais que não estão atrelados a uma cultura ou a grupos religiosos. Essa uniformidade de pensamento é explicada pela existência de uma mente superior que colocou esses valores dentro do homem. A conclusão a que se chega é que deve necessariamente existir um Deus que seja a fonte do certo e do errado, e que vá algum dia impor a justiça a todas as pessoas (Gênesis 3:22; Mateus 16:27).

CONCLUSÃO

Deus não pode ser conhecido apenas pela razão humana ou pela observação da natureza principalmente porque a razão humana, contaminada pelo pecado, nega a existência de Deus (Salmos 14:1 e 53:1) e porque a natureza não basta para mostrar a necessidade de salvação do homem. Por conta disso, o Apóstolo Paulo diz que, *“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação”* (1Coríntios 1:21). A sabedoria humana é deficiente para que venhamos a conhecer a Deus.

Dependemos de Deus para remover a cegueira e a irracionalidade provocada pelo pecado. A razão por si só não explica Deus, mas pode ser usada para apoiar a fé (Hebreus

11:3,6). Ele escolheu se revelar através das Escrituras e por seu Filho Jesus Cristo para demonstrar seu amor pelo homem e para que esse homem fosse resgatado do pecado e da morte pela fé (João 3:16; 6:40).

Leia todo o Salmos 19, medite nas palavras do salmista e perceba que Deus está próximo e existe um tempo para que Ele possa ser encontrado – *“Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está próximo” (Isaías 55:6).*

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Qual a maior dificuldade para a defesa da fé cristã no mundo pós-moderno?

2. Com relação ao objetivo, qual a principal diferença entre revelação geral e revelação especial?

3. Segundo Salmos 19 quais as formas possíveis de conhecimento de Deus?

4. Que argumento filosófico para a existência de Deus você considera mais contundente?

5. O ser humano é capaz de conhecer a Deus somente através da razão?

DEUS E A CRIAÇÃO

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender a doutrina bíblica da criação e identificar os aspectos do ser de Deus revelados no ato criador.	<i>“No princípio, criou Deus os céus e a terra.”</i> (Gênesis 1:1)	<i>Segunda</i>	Gênesis 1:1-31
		<i>Terça</i>	Romanos 1:18-32
		<i>Quarta</i>	João 1:1-14
		<i>Quinta</i>	Hebreus 11:1-6
		<i>Sexta</i>	Salmos 90:1-17
		<i>Sábado</i>	Isaías 43:8-13

INTRODUÇÃO

Estudamos na lição anterior sobre revelação geral e especial de Deus. Hoje estudaremos um pouco mais sobre esse Deus que se revela. Precisamos que as Escrituras nos falem sobre Deus. Esse tipo de conhecimento de Deus não se encontra por sabedoria ou esforços humanos. O foco da lição de hoje nos permitirá entender mais sobre a relação de Deus com sua criação, conforme é ensinado na Bíblia. Em uma outra lição, estudaremos especificamente sobre os chamados atributos de Deus.

Para os cristãos é bem fácil entender Deus como criador de todas as coisas, mas como funciona essa relação de Deus com a natureza criada? E com o ser humano? Ele interfere ou interage com a realidade da existência?

Veremos alguns conceitos sobre a doutrina de Deus, como esses conceitos são interpretados por outras religiões e porque isso é importante para uma correta relação do homem com Deus, pois, como é dito em Romanos 1:19 *“porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou”*.

A DOCTRINA DA CRIAÇÃO

Wayne Grudem, em sua Teologia Sistemática, define a doutrina da criação da seguinte forma: “Deus criou todo o universo do nada; este era originariamente muito bom, e Ele o criou para glorificar a si mesmo” (Grudem, 2010). A Bíblia claramente nos manda acreditar que Deus criou o universo do nada. A frase contida em Gênesis 1:1 deixa isso claro. O professor Adauto Lourenço, ao comentar esse versículo, diz que nele estão contidos os elementos com os quais a ciência trabalha. Ele escreve da seguinte forma: “No princípio” nos dá uma ideia de que Deus criou o tempo, “os céus” nos dá uma ideia da criação do espaço e “a terra” nos dá uma ideia da criação da matéria. Apenas Deus é anterior aos elementos que Ele criou. Em muitos versículos, por toda a Bíblia, essa doutrina é afirmada – Salmos 33:6,9;

João 1:3; Atos 4:24, 17:24; Colossenses 1:16; Apocalipse 4:11 e, ainda, Hebreus 11:3 e Romanos 4:17 mostram que Deus criou tudo que existe a partir do nada.

Como Deus criou todo o universo a partir do nada, isso implica que não existe matéria eterna. Tudo o que vemos – as montanhas, os mares, o próprio planeta Terra e até mesmo as estrelas – tudo veio a existir quando Deus os criou. Apenas Deus é eterno, conforme diz o salmista no Salmo 90:2 – *“Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade em eternidade, tu és Deus”*. Essa “eternidade de Deus” implica que Ele vive uma espécie diferente de existência, sem passagem de tempo, um conceito que para nós é difícil de imaginar, mas que fica claro em algumas passagens – Jó 36:26; João 8:58; 2 Pedro 3:8; Apocalipse 1:8.

Isso nos lembra que Deus rege todo o universo e que nada na criação deve ser adorado em lugar de Deus ou além dele. Além disso, nos mostra que o universo tem sentido e propósito, que é glorificar o próprio Deus – Salmo 19:1,2; Isaías 43:7; Apocalipse 4:11.

Por fim, aprendemos em Gênesis 1:31 que tudo que Deus criou era “muito bom”, conforme diz o Professor Adauto Lourenço no livro “Gênesis 1&2” (pág. 96), principalmente porque, ao final dos dias da criação, o pecado não existia.

A RELAÇÃO DE DEUS COM SUA CRIAÇÃO

O ensino bíblico a respeito do relacionamento entre Deus e a criação é único entre as religiões do mundo. Conforme vimos exaustivamente, a Bíblia ensina que Deus é distinto da sua criação, não faz parte dela, pois, Ele a fez e a governa. Existem dois termos teológicos que explicam a relação de Deus com o mundo:

TRANSCENDÊNCIA: Significa que Deus é muito maior que a criação. Simplificando muito, isso quer dizer que Ele está “acima” da criação, sendo independente dela, não podendo ser determinado pelos conceitos humanos (Jeremias 23:23,24).

IMANÊNCIA: Significa que Deus está sobremaneira envolvido na criação, pois, ela continuamente depende d’Ele para existir e manter-se em atividade. Isso significa que Deus está presente e ativo dentro da criação e de toda raça humana (Jó 12:10).

O Deus da Bíblia não é uma divindade abstrata, distante e desinteressada da sua criação. A Bíblia é a história do envolvimento de Deus com sua criação, especialmente com as pessoas. O apóstolo Paulo afirma, simultaneamente, a transcendência e a imanência de Deus quando fala de *“um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”* (Efésios 4:6). Esse conceito recebe o nome de **TEÍSMO CRISTÃO**.

ENSINOS ERRADOS SOBRE A RELAÇÃO DE DEUS COM A CRIAÇÃO

Vimos que a criação é distinta de Deus, mas sempre dependente d'Ele, que Deus está bem acima da criação, porém sempre envolvido nela. Resumindo, o ser de Deus é, ao mesmo tempo, transcendente e imanente. Qualquer entendimento diferente disso está deturpando o ensino bíblico a respeito da criação. As concepções analisadas a seguir não são exaustivas, mas são as mais representativas nos nossos dias:

ANIMISMO: É a crença de que existe “o divino”, mas defende que ele emana da matéria, ou seja, é uma força ou energia que permeia todas as coisas. Nesse caso, a matéria é eterna e não existe um Deus que controla todas as coisas. Essa energia pode ser controlada pelas pessoas, que passam a ter “poderes extraordinários”. Existem também seres “sobrenaturais”, que influenciam as relações humanas e, conseqüentemente, os seres humanos devem descobrir quais forças os influenciam, para que eles possam determinar sua ação futura. As religiões animistas afirmam que existe um conhecimento do sagrado que é percebido apenas por algumas pessoas dotadas de capacidades ou ofícios especiais. Estas pessoas são os chamados xamãs ou adivinhos. As religiões de matriz indígena/africana têm essa origem. O espiritismo, a Wicca (bruxaria moderna), a astrologia e a Nova Era também recebem influência desse pensamento.

PANTEÍSMO: No processo de identificação da divindade com a criação, a evolução do animismo para o panteísmo é um passo natural. O panteísmo é a noção de que a divindade é a totalidade das coisas que existem (formada do grego “panta” = tudo e “teísmo” = deus). A divindade é considerada igual à energia e à matéria do universo. Tudo faz parte dessa divindade, e essa divindade engloba tudo. É o ser supremo e impessoal, embora possam existir divindades e espíritos menores que são pessoais. O ser humano também é divinizado, pois, é permeado por uma energia divina. Enfim, tudo que existe é reduzido a uma unidade completa. O hinduísmo filosófico, a Nova Era e o espiritismo kardecista são religiões com fortes elementos do panteísmo. Qualquer filosofia que interprete a criação como “emanação” de Deus (ou seja, procede de Deus, mas permanece parte de Deus, inseparável dele) pode ser chamada de panteísmo.

POLITEÍSMO: A crença de que existem muitos deuses é conhecida como politeísmo. No grego, o termo “pólys” significa “muitos”. Assim, politeísmo seria a ideia de que existem várias divindades, talvez em competição, talvez em harmonia, à nossa volta. Dentro do politeísmo, existem a monolatria e a polilatria. Uma vez que existem vários deuses dentro do politeísmo, você pode adorar apenas um desses deuses, que é a monolatria (“mono” vem de “único” e “latria” vem de “adoração”), ou adorar vários deuses, que seria a polilatria. Um

politeísta monolátrico é alguém que acredita em vários deuses, mas adora um único deus contra os outros, enquanto um politeísta que pratica polilatria é um politeísta que aceita adorar deuses. A monolatria também é conhecida como henoteísmo⁴, com “hen” significando “um”, em grego. Exemplos disso são as antigas religiões de mistério do Egito, de Roma e da Grécia – na Grécia antiga, acreditava-se em vários deuses como Zeus, Diana, Apolo etc. As pessoas podiam escolher a qual desses deuses elas prestariam adoração (Atos 19:28). O hinduísmo também apresenta essa característica. O mormonismo também é uma religião politeísta, pois, crê que o deus da nossa terra tem um pai que é deus em outro planeta. Eles esperam também tornarem-se deuses de seus próprios planetas.

DUALISMO: É a ideia de que Deus e o universo material existem eternamente lado a lado. Assim existem duas forças supremas no universo: Deus e a matéria. O problema do dualismo é que ele sugere um conflito eterno entre Deus e os aspectos malignos do universo material. Essa filosofia nega a soberania absoluta de Deus sobre a criação e que a criação veio a existir por causa da vontade divina, devendo ser usada exclusivamente para os desígnios divinos e que ela existe para glorificá-lo. Esse ponto de vista também nega que todo o universo foi criado inerentemente bom e incentiva as pessoas a enxergarem a realidade material como algo mau em si mesmo. Um exemplo de dualismo na cultura moderna é a série de filmes “Star Wars” (Guerra nas Estrelas para os antigos), que postula a existência de uma “Força” universal, a qual tem um lado bom e outro mau. Aí não existe um Deus santo e transcendente, que tudo governa e certamente triunfará em tudo. O gnosticismo filosófico e a teosofia são as ideias mais próximas do dualismo em nossa realidade hoje.

ATEISMO: O prefixo “a” aparece como uma negação. Ateísmo é a negação de Deus. Esse pensamento é profundamente materialista. Existem também os agnósticos, que defendem não saber se há Deus. Contudo, nenhum dos dois acredita que seja necessário postular Deus para explicar o universo, ou seja, creem que a matéria sempre existiu. Na realidade, para os ateus, o universo é tudo que existe, sendo que até a mente veio da matéria. Os ateus, que acreditam que os seres humanos têm alma, também insistem que a alma é dependente do corpo assim como a sombra depende da árvore. Também afirmam que o pensamento é apenas reação química do cérebro. Os ateus afirmam que não faz sentido indagar quem fez o universo, assim como é sem sentido perguntar quem fez Deus.

DEÍSMO: Deísmo é a ideia de que Deus não está envolvido diretamente na criação. O deísmo geralmente defende que Deus criou o universo e é bem maior do que ele (Deus é

⁴ Max Miller, um historiador alemão das religiões, cunhou esse termo para falar de pessoas que vivem no contexto da existência de vários deuses, mas que escolhem um único deus para adorar.

“transcendente”), mas nega que Deus esteja atualmente envolvido no mundo, eliminando assim a imanência divina da ordem criada. Deus é encarado como um “relojoeiro” divino que dá corda no “relógio” da criação no início, mas depois deixa que ele funcione sozinho. O deísta é um teísta. Ele acredita em deus, um deus que está distante e que não pode ser alcançado. Existem hoje muitos cristãos de “fachada” ou “mornos”, que são deístas na prática, pois, vivem quase totalmente alheios à genuína oração, à adoração, ao temor de Deus e à confiança contínua no Deus que atende às suas necessidades.

CONCLUSÃO

A doutrina da criação é uma pedra fundamental da fé cristã. Os pontos essenciais deste ensino desfrutam de consentimento universal entre os teólogos ortodoxos. Dentre esses pontos, citamos os seguintes:

- Há um Deus teísta;
- A criação do universo se deu a partir “do nada”;
- O universo material é bom em si mesmo, pois, Deus o criou bom e quer que o utilizemos de modo que lhe seja agradável;
- Deus é o soberano do universo que Ele mesmo criou;
- A Ele devemos tudo o que somos e temos.

E como já foi dito, qualquer ensino que não atenda a algum desses pontos deturpará o ensino bíblico. *“Grandes são as obras do Senhor, consideradas por todos os que nelas se comprazem”* (Salmos 111:2).

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Qual a importância da afirmação bíblica de uma criação a partir do nada?

2. O que a Bíblia ensina sobre a relação de Deus com a criação que é exclusivo diante das demais religiões?

3. Dos falsos ensinamentos sobre a relação de Deus com a criação qual o mais prejudicial?

4. Podemos afirmar que a religiosidade popular brasileira é politeísta?

5. Qual o perigo que o Deísmo representa na vida espiritual dos “cristãos nominais”?

DEUS PAI

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender o ensino bíblico sobre Deus como Pai e suas implicações para a vida cristã.	<i>“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;”</i> (Mateus 6:9)	Segunda	Êxodo 4:18-23
		Terça	Jeremias 31:1-9
		Quarta	Mateus 4:9:15
		Quinta	Romanos 8:12-17
		Sexta	João 8:21-38
		Sábado	João 17:1-26

INTRODUÇÃO

O ensino cristão sobre Deus Pai é uma ideia única entre todas as religiões. A ideia de adoção dos crentes como filhos de Deus também é um ensino original da Bíblia. O Cristianismo, de fato, coloca o ser humano redimido num relacionamento de intimidade com Deus bem diferente do que se encontra em outras religiões. Embora a ideia da paternidade de Deus exista em seitas e outras tradições influenciadas pela fé cristã, essa é uma realidade que vem a nós principalmente pela revelação especial.

A tradição cristã identifica uma das pessoas divinas como Deus Pai. Mas, o que significa a paternidade de Deus? Em qual sentido Deus é nosso Pai? O objetivo da lição de hoje é entender este conceito à luz da história e das Escrituras.

ANÁLISE HISTÓRICA

Na literatura pagã antiga existem várias histórias de deuses finitos, como Zeus, por exemplo, que tiveram relações sexuais com mulheres e tornaram-se pais de semideuses, que eram verdadeiros “super-homens”, como Hércules. Uma análise superficial desta matéria mostra que esse conceito de divindade é, essencialmente, o de seres humanos dotados de poderes sobrenaturais. Contudo, esses seres não se importavam com os humanos comuns. Não existia, portanto, a noção de um deus que fosse Pai dos fiéis, que os amasse e cuidasse deles.

No islamismo, a negação da paternidade de Deus decorre do fato de que, para o Corão, Jesus não pode ser o filho de Deus. O Deus do Islã, Alá, é todo-poderoso e misericordioso, mas a ideia de paternidade não está presente. O islamismo registra 99 nomes para Alá, mas nenhum deles é “pai”. Alá não pode ter filhos como Jesus, e não se relaciona com as pessoas como pai. O máximo que se permite no Alcorão é chamar os fiéis de “amigos de Deus”.

Nas seitas existe uma característica comum, que é a tendência de chamar o seu líder de “pai” ou “mãe”. Na Igreja da Unificação, seu líder, Sun Myung Moon é chamado de “pai”.

As seitas se constituem uma família substituta que coloca seus adeptos no papel de crianças, dependentes da liderança. Os mórmons deturpam todo o ensino bíblico dizendo que Deus Pai é “Elohim”, um ser humano elevado à divindade que se tornou nosso pai celeste tendo relações com nossas mães celestes, gerando espíritos sem corpos. O primeiro filho foi Jesus Cristo, o segundo foi Lúcifer e “Elohim” continua até hoje seu trabalho de gerar filhos espirituais(!?)

NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento, a paternidade de Deus é vista, principalmente, no relacionamento entre Deus e a nação de Israel. Mas, antes disso, a criação do homem à imagem e semelhança de Deus sugere uma relação de filiação, pelo menos em sentido metafórico (Gênesis 2:18-25). O que fica claro na história da criação é que o ser humano foi criado para ter um relacionamento pessoal com Deus. Antes do pecado, Deus caminhava no jardim e isso era algo habitual. O fato de Adão e Eva se esconderem parece romper a rotina normal da vida (Gênesis 3:1-10). O normal era uma comunhão natural entre Deus e as pessoas. O pecado destruiu a relação filial entre Deus e o homem, que teria de ser restaurada através do plano de redenção (Gênesis 3:15).

A primeira menção explícita da paternidade de Deus é feita em relação à eleição de Israel como o povo de Jeová (Êxodo 4:22,23). O povo de Israel é o “filho primogênito” de Deus e não temos como não subestimar o privilégio que o filho primogênito tem na cultura do antigo Oriente Médio.

A ideia de paternidade de Deus também está fortemente vinculada à redenção no ensino dos profetas. Isaías diz que a paternidade de Deus com seu povo é duradoura, apesar da infidelidade (Isaías 63:16; 64:8). O contexto é do relacionamento dentro da aliança. E essa aliança destaca o amor de Deus pelo seu povo como retratado em Jeremias 31:3,9 – *“De longe se me deixou ver o Senhor, dizendo: com amor eterno eu te amei; (...) porque sou pai para Israel, e Efraim meu primogênito.”*

Em resumo, a noção de paternidade de Deus no AT, volta-se para o relacionamento entre Deus e seu povo eleito, num sentido coletivo. Deus trata seu povo com todo carinho, amor e disciplina que um pai, naturalmente, tem por seus filhos.

NO NOVO TESTAMENTO

Nosso relacionamento com a paternidade de Deus chega a um novo nível com a revelação do Filho de Deus, Jesus Cristo. De fato, foi exatamente a natureza inédita das reivindicações de Jesus, de que Deus era o seu Pai, que provocou a ira dos escribas e fariseus (João 5:18, 19:7). Nos evangelhos, Jesus ensina a paternidade de Deus, mas aplicou isto a indivíduos, e não apenas à nação, como algo coletivo. No sermão da montanha, Jesus

chamou Deus de “vosso Pai, que está nos céus” e “vosso Pai Celeste” (Mateus 5:16, 45,48). Além disso, em Mateus 6:9, Jesus instrui seus discípulos sobre a forma de orarem a Deus como “Pai nosso”. Nesses versículos, a paternidade de Deus se torna referencial da vida cristã.

A paternidade do Pai em relação a Jesus é revelada publicamente no batismo de Jesus: “... *Tu és meu filho amado, em ti me comprazo*” (Lucas 3:22). Outro fato que se destaca no texto é a existência do Pai como uma pessoa distinta do Filho, o que é confirmado por exemplo em Mateus 16, quando Jesus pergunta aos discípulos: “*Quem diz o povo ser o Filho do Homem?*” (Mateus 16:13), ao que Pedro responde: “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (Mateus 16:16). Por todos os evangelhos, vemos o ensino de Jesus sobre a paternidade de Deus, inclusive no evangelho de João é extenso esse ensino: João 1:34, 3:35-36, todo o capítulo 10 e 17:5.

Nas epístolas, a paternidade de Deus torna-se um dos temas centrais da vida cristã. Duas ideias essenciais devem ser destacadas. A primeira é o vínculo entre a paternidade de Deus e o **senhorio** de Deus (Gálatas 1:4), que nos leva a dar graças a Deus por tudo (Efésios 5:20; Colossenses 3:17), pois, pelo poder d’Ele, a tudo controla e governa. Em Romanos 8:14-17 aprendemos que, uma vez regenerados, somos, agora, filhos de Deus. E essa condição privilegiada tem a ver com a obra do Espírito Santo que nos dá testemunho e promove em nós a garantia de tal regeneração: “*Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.*” A partir desse ensino, temos a segunda ideia essencial sobre a paternidade de Deus nas epístolas, que é efeito do testemunho de Espírito em nosso coração. O Espírito transmite tal grau de confiança em nosso relacionamento com Deus, que agora temos a ousadia, o direito e, principalmente, a **intimidade** filial de chamá-lo de “paizinho”, “papai” ou “meu pai”, que é o mesmo que dizer Aba, Pai. Em resumo: A paternidade soberana de Deus aponta para sua paternidade íntima para conosco, através da paternidade do Filho.

DEUS-PAI

Aqui, fazemos um resumo muito breve de alguns atributos, nomes e ações de Deus-Pai, pois, ainda faremos uma análise mais completa desses assuntos em outras lições. Quando chamamos por Deus-Pai, não estamos fazendo nada mais do que considerar importante aquilo que a Escritura diz. Do Pai são o reino e o poder (Mateus 6:13; Romanos 1:20; Efésios 1:19), o beneplácito (Mateus 11:26; Efésios 1:9), o propósito (Atos 4:28; Efésios

1:11), a justiça (Gênesis 18:25; Deuteronômio 32:4; João 17:25; Romanos 3:26; 2 Timóteo 4:8), a bondade, sabedoria, imortalidade e luz inacessível (Mateus 19:17; Romanos 16:27; 1 Timóteo 6:16). Ele é Elohim, YHWH, El-Elyon, El-Shadai, o único Deus verdadeiro (João 17:3), o único Deus (1 Coríntios 8:6; 1 Timóteo 2:5). Ele tem muitos nomes. Ele é chamado de muitas formas. Ele é o Deus Salvador. Ele é o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Ele enviou seu Filho ao mundo para morrer em nosso lugar.

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens.(1) Historicamente, Ele se revelou primeiro como Pai ao povo de Israel, que escolheu consoante os propósitos de sua graça.(2) Ele é Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem enviou a este mundo para salvar os pecadores e deles fazer filhos por adoção.(3) Aqueles que aceitam a Jesus Cristo e nele creem são feitos filhos de Deus, nascidos pelo seu Espírito, e, assim, passam a tê-lo como Pai celestial, dele recebendo proteção e disciplina.(4)

1. Isaías 64:8; Mateus 6:9, 7:11; Atos 17:26-29; I Coríntios 8:6; Hebreus 12:9

2. Êxodo 4:22,23; Deuteronômio 32:6-18; Isaías 1:2,3; 63:16; Jeremias 31:9

3. Salmos 2:7; Mateus 3:17; 17:5; Lucas 1:35; João 1:12

4. Mateus 23:9; João 1:12,13; Romanos 8:14-17; Gálatas 3:26; 4:4-7; Hebreus 12:6-11

CONCLUSÃO

Nas Escrituras, Deus é o Pai de Jesus Cristo e daí surgem quatro implicações⁵:

- Existe amor paternal para com Jesus (João 5:20, 15:9);
- Existe comunhão entre o Pai e o Filho, portanto, neste sentido, a paternidade implica companhia (João 16:32, 8:29);
- O Pai exerce autoridade. Ele ordena, e o Filho obedece e cumpre. Jesus disse que Ele veio para fazer a vontade do Pai (João 6:38, 17:4-5, 4:34);
- O Pai quer exaltar o Filho e o Filho exalta o Pai (João 17:1, 5:22).

Em relação a nós, devemos enfatizar que Paulo ensinou que as bênçãos da salvação vêm como dom de Deus, o Pai, que é a fonte da nossa eleição (Efésios 1:3-4). E essa eleição tem como alvo a adoção dos fiéis. Aqueles que o Pai elegeu, Ele deu ao Filho (João 10:29). Estes pertencem ao Filho e, assim, não podem ser perdidos. Jesus dará a todos eles a vida eterna (João 10:28-29). E, no fim, Jesus entregará o resultado de seu trabalho ao Pai (1 Coríntios 15:28).

⁵ Adaptado da Teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt, pág. 245.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Por que o ensino bíblico de Deus como Pai é exclusivo diante das religiões e seitas?

2. Qual a visão do Antigo Testamento sobre a paternidade de Deus?

3. O que Jesus foi inédito no ensino de Jesus sobre a paternidade de Deus?

4. No ensino de Paulo sobre Deus como Pai o que significam “senhorio” e “intimidade”?

5. Quais as bênçãos que o cristão desfruta como “filho de Deus” em Cristo?

DEUS FILHO

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Conhecer o ensino bíblico sobre a divindade de Jesus sendo capaz de identificar tanto as profecias do AT quanto as afirmações do NT acerca desta verdade da fé.	<i>“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.”</i> (João 1:1)	<i>Segunda</i>	Gênesis 3:14-15
		<i>Terça</i>	Daniel 3:19-30
		<i>Quarta</i>	Isaías 9:1-7
		<i>Quinta</i>	João 1:1-14
		<i>Sexta</i>	Colossenses 1:13-23
		<i>Sábado</i>	Apocalipse 1:4-8

INTRODUÇÃO

A Bíblia tem uma mensagem radical e impactante sobre Jesus Cristo. Ela diz que Jesus Cristo não é apenas um ser humano ou apenas um famoso mestre religioso, mas o Senhor do Universo. Diante do testemunho das Escrituras, somos confrontados pelo antigo trilema (escolha difícil entre três opções): ou Jesus é Deus, ou um mentiroso, ou um lunático. O famoso escritor C. S. Lewis disse o seguinte a respeito de Jesus:

“Um homem que fosse somente um homem e dissesse as coisas que Jesus disse não seria um grande mestre de moral. Seria um lunático – no mesmo grau de alguém que pretendesse ser um ovo cozido – ou então o diabo em pessoa. Faça sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-lo por ser um louco, pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção e não quis deixá-la. (...) Ora, parece-me óbvio que ele não era nem um lunático nem um demônio; conseqüentemente, por mais assustador ou insólito que pareça, tenho de aceitar a ideia de que ele era, e é, Deus. Deus chegou sob forma humana no território do inimigo.”⁶

Na lição de hoje não iremos detalhar toda a doutrina de Cristo (pois está previsto uma outra revista apenas sobre Cristologia), mas vamos focar a divindade de Cristo, as profecias do AT e seu cumprimento no NT, dando razão ao que C. S. Lewis disse acima.

NO ANTIGO TESTAMENTO

Logo após o pecado entrar na raça humana, Deus prometeu que enviaria um redentor para desfazer a sua maldição (Gênesis 3:15). Este redentor, o descendente da mulher, iria

⁶ Cf. Cristianismo Puro e Simples, pág. 69-71

esmagar a cabeça da serpente, destruindo assim as suas obras, embora Ele mesmo devesse sofrer em seu calcanhar. Toda a posterior história de Israel seria a preparação da nação para receber este redentor, o Messias.

No AT, várias vezes aparece uma figura chamada de “o Anjo do Senhor”. Ele ajudou Agar no deserto, quando estava abandonada (Gênesis 16:7). Ele interveio quando Abraão estava pronto para sacrificar Isaque no altar (Gênesis 22:11). O Anjo do Senhor foi o protetor de Israel na saída do Egito (Êxodo 14:19). E alguns textos não fazem distinção entre o Anjo do Senhor e o próprio Senhor. Assim, foi o Anjo do Senhor quem falou com Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:2). Ele também apareceu diante de Gideão e o chamou para ser juiz (Juízes 6:11-18). Em Daniel 3, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego recusaram-se a adorar a imagem de ouro, construída por Nabucodonosor, e foram jogados numa fornalha ardente; quando eles caíram na fornalha, o rei ficou espantado ao ver um quarto homem, um que era semelhante a um filho dos deuses, segundo o que o próprio rei declarou. Os intérpretes cristãos entendem que o que ocorreu foi uma teofania, ou seja, o aparecimento de Deus – “As teofanias são manifestações de Deus para o homem, podendo ocorrer tanto sob uma forma simbólica como humana, e têm a finalidade de transmitir o conhecimento da vontade de Deus para aquela pessoa⁷.” À luz da doutrina da Trindade, é possível que estas teofanias representem a presença do Cristo pré-encarnado entre seu povo (estudaremos sobre a Doutrina da Trindade na lição 6).

A esperança do redentor que viria um dia foi ampliada pelos profetas, principalmente Isaías. Em Isaías 7:14 encontramos uma profecia entendida como uma afirmação da divindade de Jesus: “Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel.” Isaías também previu o nascimento daquele que teria os nomes de *“Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”* (Isaías 9:6). Esses adjetivos representam atributos de Deus, então a promessa do Messias era a promessa da encarnação de uma pessoa divina. Por fim, o Messias também viria da casa de Davi, segundo Isaías 11:1 – *“Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo.”* A identidade como ser humano estaria além de qualquer dúvida e ainda seria legalmente o rei, por ser descendente de Davi.

NO NOVO TESTAMENTO

Conforme já dissemos, não é objetivo dessa lição focar a parte humana de Jesus, mas sua divindade. Chamamos atenção apenas para o seu nascimento, que revela a qualidade excepcional de sua pessoa e vida. Maria recebe do anjo o anúncio de sua gravidez miraculosa, visto que era virgem. O Espírito Santo, através de uma obra sobrenatural, foi o agente da concepção de Jesus (Mateus 1:18; Lucas 1:34-35). José, planejando abandonar Maria, recebe

⁷ Dicionário Bíblico Wycliffe, pág. 1909

a visita de um mensageiro de Deus em sonho (Mateus 1:19-20). Por último, importante destacar que quando chegou a hora, Jesus nasceu como um bebê humano qualquer. Sua concepção foi sobrenatural, mas o nascimento foi normal.

O NT afirma a plena divindade de Jesus. Isto fica evidente ao se considerar alguns textos do AT sobre Deus sendo aplicados de forma consistente à pessoa de Jesus Cristo. Por exemplo:

- “O trono dele é para sempre” (Salmos 45:6-7; Hebreus 1:8 cf. Salmos 93:2);
- “Ele enche o céu e a terra” (Efésios 4:10 cf. Jeremias 23:24);
- “Ele é o criador” (João 1:1-3 cf. Gênesis 1:1; Colossenses 1:16 cf. Isaías 44:24);
- “O rei eterno” (Lucas 1:33 cf. Salmos 145:13, Daniel 7:14);
- “O juiz de toda a terra” (2 Coríntios 5:10 cf. Gênesis 18:25);
- “Nossa esperança” (1 Timóteo 1:15 cf. Salmos 39:7);
- “Fonte da nossa força” (Filipenses 4:13 cf. Salmos 119:28);
- “Único Salvador” (Mateus 1:21; 1 Timóteo 1:15; Atos 15:11; Hebreus 5:9, 7:25 cf. Isaías 43:11, 49:26).

Os autores do NT também atribuíram nomes divinos a Jesus:

- Deus (Mateus 1:23; João 1:1; Romanos 9:5; Tito 1:3, 2:13);
- Senhor (Mateus 12:8; Marcos 2:28; Romanos 14:9);
- “Senhor meu e Deus meu” (João 20:28);
- Filho de Deus e Deus verdadeiro (1 João 5:20);
- Alfa e Ômega (Apocalipse 1:8).

DEUS FILHO

O apóstolo João chama Cristo de “Logos” porque é por meio d’Ele que todo o mundo é criado e sustentado. Este era um termo muito usado pelos filósofos⁸ na região de Éfeso, onde João escrevia o seu livro. Vinha de Heráclito a ideia de que o Logos é aquilo que dá força para tudo. João diz: “no princípio era o Logos”. Na criação de todas as coisas o Logos eterno existia, esse Logos era Deus e dava sustentação e sentido para todas as coisas. Esse Logos era Deus e esse Logos estava com Deus. João 1.1 já nos dá a ideia de unidade e diversidade entre Pai e Filho. O Filho era Deus e o Filho estava com Deus. Para Ele “estar com” precisa estar separado, mas Ele era Deus também. Esse Filho estava no início de todas as coisas. Ele é o próprio Deus e é o objeto de amor e autocomunicação eterna dentro da Trindade. Ele é o Filho amado em quem o Pai se apraz (Mateus 3:17; Marcos 1:11), Ele mantém uma relação exclusiva com Deus (Mateus 11:27), é o Filho Unigênito (João 1:18, 3:16; 1 João 4:9), o Filho eterno (João 17:5, 24; Hebreus 1:5ss; 5.5-6), a quem o Pai concede vida em si mesmo (João

⁸ Filosofia grega pré-socrática e Estoicismo (citados por Paulo em Atenas - Atos 17:18).

5:26), tem poder criador e recriador (João 1:3; 5:21,26), domínio (Lucas 10:22, 22:29; João 16:15, 17:10) e foi condenado à morte por causa da sua filiação (João 10:33; Mateus 26:63ss), como sacrifício de Deus em nosso lugar. O Filho também é “a imagem de Deus” em sentido absoluto. Antes de se encarnar, o Filho já existia na forma de Deus (Filipenses 2:6), era rico (2 Coríntios 8:9), vestido de glória (João 17:5) e retornou a esse estado depois da ressurreição e ascensão. Jesus é a imagem do Deus invisível (Colossenses 1:15; 2 Coríntios 4:4), o reflexo de sua glória e “a expressão exata do seu ser” (Hebreus 1:3), o primogênito de toda a criação (Colossenses 1:15), em quem todas as coisas foram criadas (Colossenses 1:16), preeminente sobre todas as coisas (Colossenses 1:18 cf. Apocalipse 1:5-6). À sua imagem, os crentes são transformados (2 Coríntios 3:18; Filipenses 3:21). Ele está acima de todos e é bendito para sempre (João 1:1, 20:28; Romanos 9:5; Hebreus 1:8-9; 2 Pedro 3:18; 1 João 5:20; Apocalipse 1:8,9,17,18).

OS ESTADOS DE JESUS

A Bíblia “da Escola Bíblica” apresenta o seguinte quadro sobre os estados de Jesus, explicando que é um erro considerar que Jesus Cristo passou a existir no dia do seu nascimento e que deixou de existir após a sua morte. O NT nos revela que Jesus, sendo Deus, sempre existiu e se revelou em três estados diferentes:

ESTADO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
PREEXISTENTE	Jesus sempre existiu, antes mesmo da criação, desfrutando da Glória de Deus. Tudo foi criado por meio d’Ele.	João 1:1-3, 8:58, 17:5,24; Colossenses 1:17; Apocalipse 22:13.
ENCARNADO	Jesus esvaziou-se da Glória de Deus, humilhando-se, assumindo forma humana e tornando-se apto a nos representar na cruz.	João 1:14; 2 Coríntios 8:9; Filipenses 2:7-8; Gálatas 4:4-5; Hebreus 2:9.
GLORIFICADO	Após cumprir sua missão, ao morrer e ressuscitar, Jesus foi exaltado sobre tudo e todos, recebendo a Glória de Deus.	Lucas 24:26; João 7:39; Atos 2:33, 5:31; Romanos 8:17; Efésios 1:20-23; Filipenses 2:9-11; Hebreus 1:13.

DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus.(1) N'Ele, por Ele e para Ele, foram criadas todas as coisas.(2) Na plenitude dos tempos Ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerada pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, sendo, em sua pessoa, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.(3) Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem.(4) Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e revelou e obedeceu toda a vontade de Deus.(5) Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando a culpa de nossos pecados, conquanto Ele mesmo não tivesse pecado.(6)

Para salvar-nos do pecado, morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde à destra do Pai, exerce o seu eterno sumo sacerdócio.(7) Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens e o único e suficiente Salvador e Senhor.(8) Pelo seu Espírito Ele está presente e habita no coração de cada crente e na igreja.(9) Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumir sua obra redentora.(10)

1. Salmos 2:7; 110:1; Mateus 1:18-23, 3:17, 8:29, 14:33, 16:16,27; 17:5; Marcos 1:1; Lucas 4:41, 22:70; João 1:1,2, 11:27, 14:7-11; 16:28

2. João 1:3; I Coríntios 8:6; Colossenses 1:16,17

3. Isaías 7:14; Lucas 1:35; João 1:14; Gálatas 4:4,5

4. João 14:7-9; Mateus 11:27; João 10:30,38, 12:44-50; Colossenses 1:15,19, 2:9; Hebreus 1:3

5. Isaías 53; Mateus 5:17; Hebreus 5:7-10

6. Romanos 8:1-3; Filipenses 2:1-11; Hebreus 4:14,15; I Pedro 2:21-25

7. Atos 1:6-14; João 19:30,35; Mateus 28:1-6; Lucas 24:46; João 20:1-20; Atos 2:22-24; I Coríntios 15:4-8

8. João 14:6; Atos 4:12; I Timóteo 2:4,5; Atos 7:55,56; Hebreus 4:14-16, 10:19-23

9. Mateus 28:20; João 14:16,17, 15:26, 16:7; I Coríntios 6:19

10. Atos 1:11; I Coríntios 15:24-28; I Tessalonicenses 4:14-18; Tito 2:13

CONCLUSÃO

Resumimos aqui o que Franklin Ferreira e Alan Myatt apresentaram em sua Teologia Sistemática em relação às aplicações práticas sobre a divindade de Cristo:

O conhecimento real de Deus é possível através de Jesus, pois *“ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”* (João1:18);

Deus Filho, *“por amor de nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, e encarnou, pelo Espírito Santo, na virgem Maria”*. Por isso, a morte de Cristo é suficiente para

salvar os pecadores de todos os tempos e lugares, pois, quem morreu não foi uma criatura, mas o Deus infinito;

Na pessoa de Jesus seres humanos são unidos a Deus por toda a eternidade, não por meio de seres humanos ou anjos, mas pelo próprio Deus que “cruzou o abismo criado pelo pecado”;

Jesus deve ser louvado e obedecido porque Ele não é apenas uma criatura, mas Deus, consubstancial ao Pai⁹.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Qual o significado das “teofanias” (manifestações de Deus) do AT?

2. Qual o objetivo do AT em apresentar o Messias como uma pessoa divina?

3. Por que o NT aplica textos sobre Deus a Jesus de Nazaré?

4. Qual o significado da palavra “Verbo” (Grego: *Logos*) em João 1:1?

5. Qual a importância da afirmação da divindade de Jesus Cristo para nossa salvação?

⁹ Adaptado da Teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt, pág. 512

DEUS ESPÍRITO SANTO

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender que o Espírito Santo é Deus e é uma Pessoa com sua obra na história da salvação e na vida do crente.	<i>“Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele”.</i> (Mateus 3:16)	Segunda	Gênesis 1:1-2
		Terça	Êxodo 31:1-11
		Quarta	1 Samuel 16:11-13
		Quinta	Lucas 4:16-30
		Sexta	Atos 2:1-13
		Sábado	Gálatas 5:22-23

INTRODUÇÃO

O nome “pneuma” vem do grego e significa sopro, respiração ou espírito. A palavra “pneumo”, na nossa língua, é usada para falar de coisas que envolvem ar, como o nosso pulmão. Quando você é diagnosticado com pneumonia, fala diretamente de uma doença no seu pulmão. Ao falar do Espírito Santo (ES, daqui em diante) no grego, a palavra é a mesma, porque o Espírito é conhecido como o sopro de Deus, ou o Espírito do Senhor. A doutrina do ES é chamada de pneumatologia e é importante porque é, através d’Ele, que Deus fala, age e se comunica conosco hoje, no período do NT. Ele é a principal manifestação divina hoje, no período da igreja, porque é a partir do ES que Deus age e atua nas nossas vidas agora.

Não é objetivo dessa lição estudar todos os aspectos da doutrina do ES. Vamos falar sobre o entendimento equivocado que algumas religiões e seitas têm sobre o ES, mostrar o que a Bíblia apresenta sobre as manifestações do ES no AT e no NT e, por fim, dar mais atenção às questões sobre a divindade do ES, pois, pretendemos ter uma revista específica sobre toda a obra do ES.

ANÁLISE COMPARATIVA¹⁰

A maioria das religiões entende que existe uma força divina na natureza. Por causa disso, o ser humano é incuravelmente religioso. Várias ideias sobre a natureza do poder divino na experiência da humanidade nos são apresentadas. O ES é uma pessoa divina ou uma força impessoal usada por Deus para influenciar o mundo? As religiões que negam a doutrina da Trindade (estudaremos mais sobre essa doutrina na próxima lição) têm dificuldade com a doutrina do Espírito Santo. Essas religiões têm, basicamente, três opções:

- 1) Podem identificar o ES com a divindade unipessoal ou impessoal em que creem, o que equivale a negar a existência do ES;

¹⁰ Adaptado da Teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt – pág. 660-663

- 2) Podem identificar o ES como uma das divindades do sistema politeísta;
- 3) Podem reduzir o ES a uma espécie de força impessoal, algo como o poder de Deus implementado na criação.

O Espírito Santo, como uma pessoa distinta, é ideia única da fé cristã e, por isso, é difícil encontrar paralelos nas demais religiões. Segue uma breve lista sobre o que algumas religiões e seitas apresentam sobre isso:

RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA – não se pode falar de ES nas religiões de matriz africana, a não ser que isso seja feito a partir de influências cristãs. De acordo com o sincretismo afro-brasileiro que ocorre na Umbanda, por exemplo, existe a divindade suprema – Olorum – diferente das três divindades subordinadas – Obatala (Pai), Oxalá (Filho) e Ifá (Espírito Santo).

KARDECISMO – o espiritismo kardecista trata o Espírito Santo como o conjunto dos espíritos das pessoas que já teriam sido totalmente aperfeiçoadas por meio de sucessivas reencarnações. Ele relaciona o “outro consolador” (João 14:16,26) a esse conjunto de espíritos que foram os espíritos que comunicaram a doutrina espírita para Kardec, ou seja, o Espírito Santo seria a terceira revelação de Deus, ou o próprio espiritismo.

ISLAMISMO – o islamismo nega a existência do ES, pois, entende que Deus é uma unidade absoluta e, portanto, elimina qualquer noção de ES. Assim como faz o espiritismo, o islamismo relaciona o “outro consolador” com a pessoa de Maomé, ou seja, Maomé seria o espírito da verdade e mensageiro de Deus.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ – negam veementemente a pessoalidade do ES. Eles ensinam que o ES é uma força controlada que Jeová Deus usa para realizar uma variedade de propósitos. Seria comparada à eletricidade, uma força que pode ser adaptada para realizar grande variedade de operações. Essa força emanaria de Deus para cumprir sua vontade.

MORMONISMO – eles ensinam que o Espírito é uma divindade distinta de Jesus e de Deus Pai, sendo que o Pai e o Filho são pessoas de carne e osso e o Espírito Santo é uma pessoa somente espiritual. Ainda segundo o mormonismo, o ES emana de Deus e é o administrador das obras de Cristo e do Pai na Terra.

O ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

No AT, a revelação do Espírito de Deus como uma pessoa divina distinta não é tão clara quanto no NT. A ênfase do AT está na unidade de Deus, realçando o monoteísmo, em contraste com o politeísmo, que era normal nas culturas que circundavam o povo de Israel.

Não obstante, o ES está presente no AT fazendo sua obra distintiva na administração da criação e no plano da redenção. De forma sucinta, podemos destacar que o ES capacitava os homens de Deus para trabalhos específicos: José foi capacitado com habilidades de liderança e sabedoria (Números 27:18; Deuteronômio 34:9); Bezalel foi capacitado pelo Espírito para construção do tabernáculo (Êxodo 31:3-5). Otoniel, Gideão, Jefté e Sansão foram capacitados pelo Espírito na época dos Juízes para libertarem Israel dos povos que o dominavam (Juízes 3:10, 6:34, 11:29, 13:25, 14:6,19, 15:14), Saul foi capacitado pelo Espírito para vencer uma batalha (1 Samuel 11), mas também o ES foi retirado dele, impedindo que ele reinasse (1 Samuel 16:14) e se apossou de Davi quando este foi ungido como rei (1 Samuel 16:13). Os profetas falavam pelo poder do Espírito (Ezequiel 2:2; Miqueias 3:8; Zacarias 7:12). O profeta Isaías predisse que o Espírito ungiria o Messias (Isaías 11:2-3; 61:1 cf. Lc 4.18).

Isso significa que o ministério do ES no AT estava relacionado, principalmente, com aquilo que Ele preparava para um trabalho específico no reino de Deus. O ES não tinha uma função fundamentalmente salvífica, mas ministerial. Os homens não recebiam o ES simplesmente porque eram salvos, mas o recebiam para que fizessem coisas a Deus, tanto é que o ES os deixava quando eles não eram mais aprovados para tal ministério. Franklin Ferreira e Alan Myatt afirmam que “Na antiga aliança, a obra do Espírito foi mais limitada, porque a sua pessoa não estava plenamente revelada. No Novo Testamento, o Espírito será revelado como o Consolador, que levará a cabo a obra inédita de chamar um povo para Deus em meio a todas as nações, tribos e povos” (Ferreira & Myatt, 680).

O ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO

O NT relata a inauguração de uma nova etapa da história da redenção, realizada com a vida de Jesus. A presença e a atividade do ES revelam-se desde a inauguração da nova aliança.

Durante o ministério de Jesus, a obra do Espírito Santo foi intensa. O próprio Espírito foi quem o gerou (Mateus 1:18,20). O Espírito capacitaria todo o seu ministério (Lc 1:35). O Espírito veio sobre o seu batismo (Mateus 3:16; Marcos 1:10; Lucas 3:22; João 1:32). Jesus estava na plenitude do Espírito (Lucas 4:1). Foi o Espírito que o levou ao deserto para ser tentado (Mateus 4:1; Lucas 4:1-2). Porém, foi pelo poder do Espírito também que Ele voltou para a Galileia (Lucas 4:14). Também, pelo Espírito Santo Ele expulsava demônios (Mateus 12:28). Jesus disse que precisava ir ao Pai para que o outro Consolador, o Espírito, viesse sobre os discípulos (João 14:16-17).

No dia de Pentecostes (Atos 2), esse outro Consolador, o Espírito, é derramado sobre os crentes como cumprimento da profecia de Joel 2:28-29 para o florescimento dos dons, do fruto e da vida do Espírito Santo na igreja. O Espírito passa a habitar dentro do corpo do crente. Assim, o Espírito aplica os benefícios da salvação aos eleitos. Ele justifica, santifica,

edifica a igreja e cumpre o plano de Deus na história. Ele é quem foi dado para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8-11). É Ele quem converte e salva o homem.

DEUS-ESPÍRITO SANTO¹¹

As Escrituras nos apresentam o ES como um ser pessoal (João 16:14), chamado de “paracletos” (João 14:26, 15:26, 16:7). Este nome não pode ser considerado o nome de alguma força abstrata. As Escrituras conferem ao ES atributos pessoais, tais como inteligência (João 14:26, 15:26; Romanos 8:16), vontade (Atos 16:7; 1 Coríntios 12:11) e sentimentos (Isaías 63:10; Efésios 4:30). O ES também realiza atos próprios de uma pessoa como sondar, falar, testificar, ordenar, revelar, lutar, criar, interceder, vivificar os mortos, dentre outros. Quem realiza estas coisas não pode ser um simples poder ou influência, mas tem de ser pessoal. A Escritura mostra o ES relacionando-se com outras pessoas, como os apóstolos, o Cristo, o Pai e o Filho, o que implica em sua personalidade. Por último, a Escritura faz distinção entre o Espírito e o seu poder (cf. Lucas 1:35, 4:14; Atos 10:38; Romanos 15:13; 1 Coríntios 2:4). Todas essas considerações levam a uma conclusão: o ES é uma pessoa, não uma força, e tal pessoa é Deus, na mesma dimensão e da mesma forma que o Pai e o Filho.

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina.(1) É o Espírito da verdade.(2) Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras.(3) Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina.(4) No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, Ele se manifestou de maneira singular, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que creem em Cristo.(5) O recebimento do Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à igreja.(6) Ele dá testemunho de Jesus Cristo e o glorifica.(7) Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo.(8) Opera a regeneração do pecador perdido.(9) Sela o crente para o dia da redenção final.(10) Habita no crente.(11) Guia-o em toda a verdade.(12) Capacita-o para obedecer à vontade de Deus.(13) Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo.(14) Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para uma vida cristã vitoriosa e testemunhante.(15)

1. Gênesis 1:2; Jó 23:13; Salmos 51:11, 139:7-12; Isaías 61:1-3; Lucas 4:19,18; João 4:24, 14:16,17, 15:26; Hebreus 9:14; I João 5:6,7; Mateus 28:19

¹¹ Adaptado da Teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt, pág. 684

2. João 16:13, 14:17, 15:26
3. Gênesis 1:2; 2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:21
4. Lucas 12:12; João 14:16,17,26; 1 Coríntios 2:10-14; Hebreus 9:8
5. Joel 2:28-32; Atos 1:5, 2:1-4; Lucas 24:29; Atos 2:41, 8:14-17, 10:44-47, 19:5-7; 1 Coríntios 12:12-15
6. Atos 2:38,39; I Coríntios 12:12-15
7. João 14:16,17, 16:13,14
8. João 16:8-11
9. João 3:5; Romanos 8:9-11
10. Efésios 4:30
11. Romanos 8:9-11
12. João 16:13
13. Efésios 5:16-25
14. I Coríntios 12:7,11; Ef. 4:11-13
15. Efésios 15:18-21; Gálatas 5:22:23; At. 1:8

CONCLUSÃO

Na próxima lição iremos discutir o tema “TRINDADE”. Por ora, é importante destacar algumas aplicações práticas a respeito do que vimos hoje sobre a compreensão correta da pessoa do Espírito Santo:

- É necessário afirmar que o ES é uma pessoa, não uma força ou energia impessoal;
- Ele é um ser pessoal, portanto, podemos ter um relacionamento pessoal com Ele;
- É por meio do ES que Deus está próximo dos seus filhos. Na verdade, está tão perto que, de fato, habita em cada pessoa que nele crê;
- É necessário dar ao ES, que é plenamente divino, a mesma glória que é dada ao Pai e ao Filho.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Por que o ensino cristão sobre o Espírito Santo é único diante de todas as religiões?

2. Qual a principal obra do Espírito Santo no Antigo Testamento?

3. Qual a importância do Espírito Santo na vida e na obra de Jesus?

4. Qual a obra do Espírito Santo na vida do crente?

5. Por que é importante afirmar que o Espírito Santo é uma pessoa?

A TRINDADE SANTA

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Conhecer o conceito de Trindade e analisar biblicamente suas implicações para a fé cristã.	<i>“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.”</i> (2 Coríntios 13:13)	<i>Segunda</i>	Deuteronômio 6:1-9
		<i>Terça</i>	Isaías 6:1-8
		<i>Quarta</i>	Isaías 45:1-7
		<i>Quinta</i>	João 14:16-30
		<i>Sexta</i>	Romanos 8:26-30
		<i>Sábado</i>	Mateus 28:16-20

INTRODUÇÃO

Estudamos nas 3 lições anteriores, as pessoas de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Na lição de hoje, estudaremos um ensino exclusivo das Escrituras – que o Deus único se revela em três pessoas distintas, mas que são, ao mesmo tempo, iguais entre si.

Certamente, uma das coisas mais importantes a se dizer sobre Deus é a doutrina da Trindade. Essa doutrina é muito disputada e sofre muitos ataques de pessoas de teologias variadas, mas é, certamente, uma das coisas mais claras que a Escritura fala a respeito de Deus. Sem medo de exagero, podemos dizer que a doutrina da Trindade é uma das doutrinas mais fundamentais da fé cristã. Voltaremos nesse tema daqui a pouco.

A UNIDADE DE DEUS

Deus é único (Deuteronômio 6:4). A Bíblia fala que não há outros deuses (Êxodo 20:2,3; Deuteronômio 32:37; Isaías 44:6). Israel não seguia um tipo de monolatria, como seguiam os outros povos à sua volta onde entre os vários deuses eles escolhiam o seu. Eles eram monoteístas, acreditando em um único Deus. Os outros deuses eram deuses falsos, que não eram poderosos nem tinham função nenhuma no mundo. Eram só ídolos de pedra e de barro. É por isso que Deus zomba dos deuses que os homens criam (Isaías 44). Não há outros que Ele compartilhe sua glória (Isaías 42:8) e antes dele nenhum existia (Isaías 43:10). Não há outro deus (Isaías 45:6). Deus é primeiro e o último (Isaías 48:12). Jesus cita Deuteronômio 6:4 para lembrar que Deus é um (Marcos 12:29). Só há um que bom (Mateus 19:16-22; Marcos 10:17-22). Paulo afirma a unidade de Deus diante dos deuses gregos (1 Coríntios 8:4-6). É por isso que, tudo aquilo que concerne à natureza divina, deve ser expresso de forma exata no singular, já que a natureza de Deus é única. A Trindade *“uma única e indivisível*

razão, uma única e indivisível ação e uma única vontade, um único e indivisível ato na eternidade e na história onde ele se coloca” (FERREIRA, 2007)

A DIVERSIDADE DE DEUS

Norman Geisler, em sua Teologia Sistemática, apresenta as seguintes afirmações sobre a diversidade de Deus: “Além de afirmar que Deus é um em natureza ou essência, as Escrituras afirmam que há três pessoas distintas que são Deus. Todos são chamados Deus, e todos têm características essenciais de uma pessoa” (GEISLER, 2002).

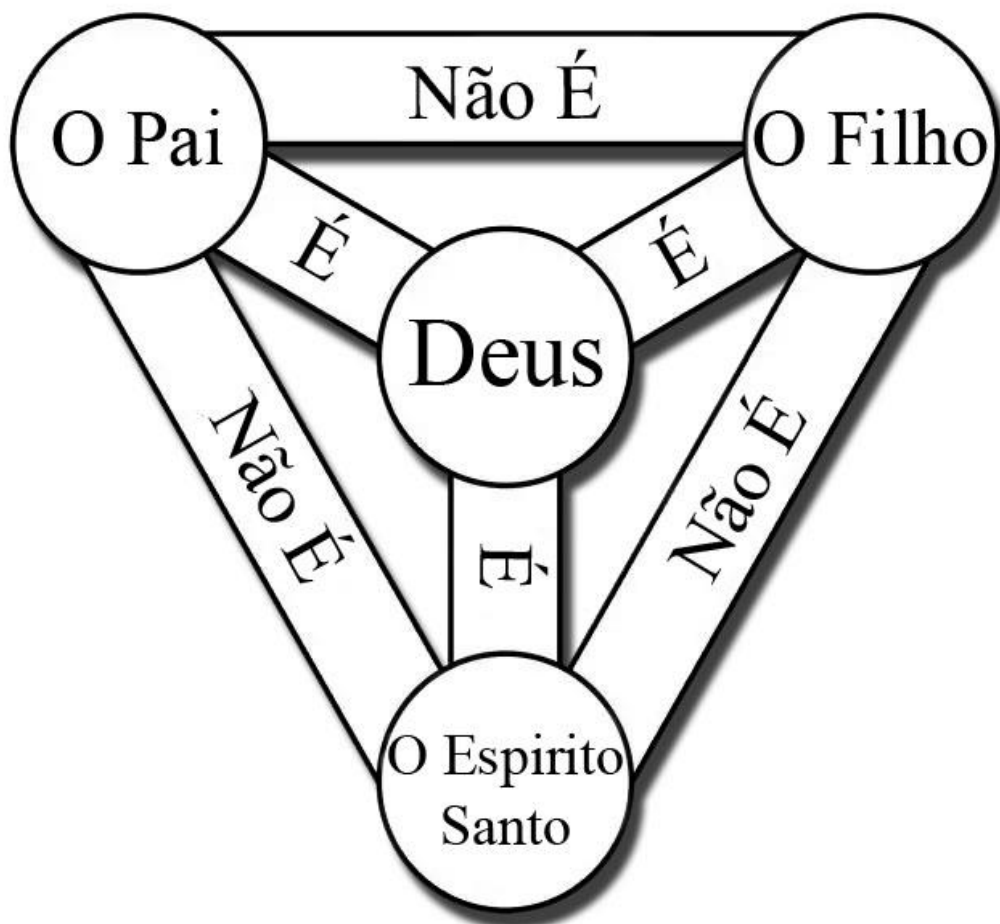
Tradicionalmente, entendemos que personalidade é alguém que tem intelecto, sentimentos e vontade. Na Bíblia, todas estas três características são atribuídas a todos os membros da Trindade (conforme já estudamos). Essencialmente, a personalidade se refere a um “eu”, um “quem” ou um sujeito. Cada “eu” na Trindade possui (por conta da sua natureza comum) o poder de pensar, sentir, escolher. A Personalidade em si é o seu Estado de Eu ou Estado de Quem” (GEISLER, 2002).

A TRINDADE¹²

É importante destacar que o termo “Trindade” não aparece na Bíblia, mas é um termo técnico criado para explicar essa doutrina (termo utilizado pela primeira vez por Tertuliano no século 3) e significa “triunidade” ou “três em unidade”. É a doutrina que ensina o fato de termos um único Deus que se manifesta em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, de forma que cada um dos três é totalmente Deus, mas que Eles não são um e outro. Ou seja, o Pai não é o Filho, o Filho não é o Pai, o Pai não é o Espírito e o Espírito não é o Filho, mas cada um deles é completamente Deus e um está contido no outro. “O Pai está em mim e eu estou no Pai”, diz Jesus. O Espírito está no Pai e o Pai no Espírito. O Espírito está no Filho e o Filho no Espírito. Eles não são confundidos, mas não são separáveis. A forma mais simples de definir esta doutrina é dizer que o único Deus existe em três pessoas distintas, embora constituam uma única essência divina, uma substância unificada. É o tipo de coisa que não temos como comparar na realidade. Com o que compararemos a Trindade? Com a água que tem três estados? Com o ovo que tem clara, gema e casca? Nenhuma dessas ilustrações é suficiente para dizer quem Deus realmente é. Não temos nada na criação que uma parte sozinha represente o todo, apesar de alguns teólogos utilizarem a expressão $1^3=1$ ou $1 \times 1 \times 1=1$ para dar uma noção de como visualizar a Trindade. Uma vez que Jesus é totalmente Deus, o Espírito é totalmente Deus, o Pai é totalmente Deus, mas os três compõem o próprio Deus. Um não é o outro, mas um está contido no outro. É por isso que muitos teólogos sistemáticos dizem que a doutrina da trindade é aquela que, se você tenta entender, você perde a cabeça; mas que, se negar, perde a alma.

¹² Veja no final da revista, no anexo 3, um quadro sobre as 3 pessoas da Trindade e seus Atributos Divinos

Graficamente, podemos usar a seguinte imagem sobre Deus:



A UNIDADE DE DEUS	A DIVERSIDADE DE DEUS
O PAI É O DEUS ÚNICO	O PAI NÃO É O FILHO
O FILHO É O DEUS ÚNICO	O FILHO NÃO É O ESPÍRITO SANTO
O ESPÍRITO SANTO É O ÚNICO DEUS	O ESPÍRITO SANTO NÃO É O PAI

A RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS DA TRINDADE

Franklin Ferreira afirma: “as três pessoas da Trindade não são ordenadas hierarquicamente (FERREIRA, 2011). Considerando o ser de Deus, ou Deus em si mesmo, na eternidade, afirmamos que não há inferioridade ou subordinação entre as pessoas de Trindade. As distinções entre as pessoas da Trindade são relacionais, isto é, sempre houve um relacionamento pessoal na Trindade, uma relação marcada por comunicação e amor mútuo. O Pai sempre foi o Pai, e desde a eternidade teve consigo o seu eterno Filho. Nunca

houve um tempo em que o Pai não tivesse seu amado Filho. O Pai e o Filho se amam tão intensamente, um amor eterno, que se revelam na pessoa do Espírito, o vínculo eterno de amor entre o Pai e o Filho. O Espírito Santo é o transbordar do amor pessoal da Trindade: por meio dele, pecadores salvos são inseridos nessa comunhão de amor (falaremos mais sobre o amor de Deus na Lição 11).

Esse ensino da autossatisfação divina mostra que, em Deus, não há nenhuma necessidade de se acrescentar algo a si ou criar algo fora de si para a realização do amor que existe entre as pessoas da Trindade. Deus sempre foi, é e será amor, porque existe em três pessoas. No entanto, é importantíssimo enfatizar que, no próprio ser de Deus, sempre houve e haverá igualdade; pensar de outra forma, e abrir as portas para algum tipo de subordinação entre as pessoas, resultará em distorção do ensino bíblico.

A TRIUNIDADE NA BÍBLIA

Embora a palavra “trindade” não esteja na literatura bíblica, o seu conceito foi inspirado aos autores do texto sagrado. No Antigo Testamento encontramos esta revelação de modo parcial. Contudo, o Novo Testamento a apresenta de maneira mais completa.

O uso do plural em Gênesis 1:27, *“Então disse Deus: Façamos o homem (...)”*, pode ser uma primeira menção bíblica desta doutrina (como também em Gênesis 11:7; Isaías 6:8). Na própria declaração de fé de Israel *“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”* (Deuteronômio 6:4), inclui uma palavra decisiva para o entendimento da trindade no AT: *“echad”*. Este substantivo, embora traduzido por *“um”* ou *“único”*, é coletivo, demonstra ao mesmo tempo unidade e diversidade. Em Números 13:23 a palavra aparece para *“um cacho”*. Outras menções da triunidade são as referências duplas a Deus (ou ao *“Senhor”*) nos Salmos, que foram interpretadas pelos autores do NT como provas da divindade de Jesus e, portanto, da existência de mais de uma pessoa na trindade (Salmos 45:6,7 com Hebreus 1:8 – *“por isso Deus, o teu Deus”*; Salmos 110:1 com Mateus 22:41-46 – *“O Senhor disse ao meu Senhor”*). O profeta Isaías também faz referência a Deus e ao *“seu Espírito Santo”* (Isaías 63:10).

Em Mateus 3:16-17 encontramos uma teofania (como definido na lição 4). No batismo de Jesus ouve-se a voz do Pai e o Espírito Santo é visto *“descendo como pomba”*. Neste mesmo Evangelho, antes de subir aos céus, o Senhor comissiona os apóstolos *“em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”* (Mateus 28:19-20). Assim como a bênção apostólica (2 Coríntios 13:14), Paulo usou formulações que mencionam as três pessoas da Trindade (Efésios 4:4-6). Pedro e João também o fizeram (1 Pedro 1:2; 1 João 5:7). Todavia, o texto principal para a defesa da triunidade divina nas páginas do NT (e quiçá de toda a Bíblia) é João 14:16 – *“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco”*. *“Eu”* – Deus Filho, *“Pai”* -Deus Pai, *“Consolador”* - Deus Espírito Santo.

CONCLUSÃO

O fato de não compreendermos totalmente a doutrina da Trindade não implica em sua inexistência. E ela é de difícil compreensão, mas é um fato e faz parte das coisas “encobertas” que Deus não revelou na sua totalidade a nós (Deuteronômio 29:29).

A natureza de Deus é o fator mais fundamental na teologia evangélica. Nela apoiam-se todas as outras doutrinas teológicas, explícita ou implicitamente. De acordo com o sadio raciocínio bíblico, teológico e histórico, o Deus da Bíblia é o Deus do monoteísmo trinitário. Ele é tri-pessoal, infinito, indivisível, imutável, eterno, Todo-conhecedor, Todo-poderoso, absolutamente perfeito e justo. Divergência de quaisquer desses atributos resulta em um ponto de vista não ortodoxo de Deus (GEISLER, 2002).

A importância da Trindade para a fé cristã é incalculável. Esta doutrina livra o crente da idolatria. Se Jesus ou o Espírito Santo não fossem da mesma essência do Pai, então, jamais poderiam ser adorados. Também na doutrina da salvação precisamos identificar a atuação das três pessoas: o plano do Pai, a mediação do Filho e a ação do Espírito Santo. Sem a fé na trindade estaríamos, por exemplo, negando o papel e o poder de Jesus como salvador de pecadores. E para a doutrina de Deus (nosso interesse aqui) este entendimento é indispensável. O conhecimento de Deus como um ser pessoal e relacional seria impossível. Porque o Pai, o Filho e o Espírito relacionam-se em amor eternamente que podemos conhecê-lo e amá-lo. A oração (como veremos na última lição) é um testemunho da prática cristã sobre a existência da trindade: oramos para o Deus-Pai, Deus para nós, pela intercessão do Deus-Filho, Deus por nós, em comunhão íntima com o Deus-Espírito Santo, Deus em nós.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Por que é importante a afirmação bíblica da unidade e da diversidade de Deus?

2. Qual o conceito bíblico de “triunidade divina”?

3. Como se dá a relação entre as três pessoas da Trindade Santa?

4. Por que o ensino da Trindade é importante contra a idolatria?

5. Como a experiência pessoal do cristão com Deus prova a existência da Trindade?

A SOBERANIA DE DEUS¹³

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender como a soberania de Deus se relaciona com a criação, o livre arbítrio e o mal bem como sua atuação com a salvação.	<i>“Tudo quanto aprovou ao Senhor, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os seus abismos”</i> (Salmos 135:6).	<i>Segunda</i>	Jeremias 31:1-6
		<i>Terça</i>	Efésios 1:3-14
		<i>Quarta</i>	Mateus 3:1-20
		<i>Quinta</i>	Jó 28:20-28
		<i>Sexta</i>	Mateus 23:37-39
		<i>Sábado</i>	Romanos 11:33-36

INTRODUÇÃO

Nesta lição vamos abordar um dos assuntos mais polêmicos da Doutrina de Deus, que é a soberania. Muitas vezes evitamos esse assunto por causa de sua complexidade.

A soberania não quer dizer que Deus governa arbitrariamente; pelo contrário, sua soberania é a mais profunda expressão do seu amor. O profeta Jeremias apresenta o assunto da seguinte forma: *“Assim diz o SENHOR: O povo que se livrou da espada logrou graça no deserto. Eu irei e darei descanso a Israel. De longe se me deixou ver o SENHOR, dizendo: Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí”* (Jeremias 31:2-3). Mas, como conceber a soberania de Deus? Em quais momentos podemos perceber seus atos soberanos? Qual sua relação com o livre-arbítrio humano? Vamos meditar um pouco sobre esse assunto.

O SIGNIFICADO DE SOBERANIA

Define-se a Soberania de Deus como o exercício de Sua supremacia. Deus é o Ser supremo e independente. Somente Ele, em todo o universo, tem o direito e o poder de fazer absolutamente o que Lhe agrada. Não há perigo de Deus perder Seu trono, nem precisa da permissão de ninguém para reinar. Ele é o único que tem o direito de agir para Sua própria glória. A soberania de Deus significa que Ele faz o que Lhe agrada. Deus tem controle sobre tudo, de acordo com Sua vontade e para o louvor de Sua glória.

O apologista Norman Geisler comenta que a soberania não é simplesmente o direito de Deus de controlar tudo, mas é também o seu domínio soberano vigente sobre todas as coisas (Geisler, 1017). Ele acrescenta ainda que a soberania se baseia, sobretudo, na onisciência, onipotência, sabedoria e benevolência. Ele sabe a melhor coisa a fazer e tem

¹³ Com adaptações do site palavraprudente.com.br

todo o poder para fazer. Além disso, visto que Deus é antes de todas as coisas (Colossenses 1:17), criou todas as coisas (Gênesis 1:1; João 1:3), sustenta todas as coisas (Hebreus 1:3), está acima de todas as coisas (Salmos 8:1, 57:5), possui todas as coisas (Salmos 24:1), pode fazer todas as coisas (Gênesis 18:14; Mateus 19:26) e Deus sabe todas as coisas (Isaías 46:10), então Deus é o soberano legítimo de todas as coisas.

SOBERANIA NA CRIAÇÃO

Deus agiu como Soberano em Sua obra da Criação. Ele não criou nada por necessidade, mas unicamente por Seu prazer soberano. E, ao criar, era livre para fazer o que era do Seu agrado. Não criou por causa das criaturas, pois, a criatura deve existir para seu Criador e não o Criador para a criatura. (Provérbios 16:4; Romanos 11:36; Apocalipse 4:11).

Deus é Rei Soberano em Seu universo. Ele está no controle de tudo, de todos, dos demônios e de Satanás (Jó 1:12, 2:6). Ele reina em todo lugar como Lhe apraz. Não precisa pedir conselho a ninguém. Controla e dirige a natureza em todas os seus aspectos (Jó 28:26; Daniel 2:21; Mateus 5:45; Atos 14:17). E ainda temos exemplos do controle de Deus e Sua direção sobre as criaturas irracionais. Ele fechou a boca dos leões para que não ferissem a Daniel (Daniel 6). Ele fez as vacas deixarem as crias, algo contrário às leis da natureza, e dirigirem-se a Israel levando a arca de Deus (1 Samuel 6:10-12) e fez ainda uma jumenta falar (Números 22:21-30).

DIFICULDADES HUMANAS EM RELAÇÃO À SOBERANIA DIVINA

Existem dois temas relacionados à soberania divina que sempre causam grandes discussões: Um diz respeito ao livre-arbítrio humano e outro, à existência do mal. Faremos alguns comentários sobre esses temas aqui, mas sem esgotá-los. Isto seria impossível!

Importante destacar que as discussões aqui são de origem filosófica e apologética, principalmente porque esses questionamentos surgem fora da Igreja e contra os cristãos:

LIVRE-ARBÍTRIO – o homem pode fazer escolhas verdadeiramente livres e, ainda assim, dentro da soberania divina?

Geisler responde essa questão da seguinte forma: Deus é capaz de dar aos agentes livres (homens) os desejos que Ele decreta. Por conseguinte, os futuros atos livres neste sentido podem ser livres e, contudo, determinados sendo, portanto, conhecidos de antemão infalivelmente. Portanto, a presciência infalível e o livre-arbítrio não são contraditórios.

Ele acrescenta que não há contradição envolvida em:

1. Um ato livre futuro e determinado a partir da relação da presciência infalível de Deus e

2. Também livre, quando visto a partir da relação da nossa livre escolha (no sentido do poder para fazer o contrário).

Anselmo da Cantuária (monge beneditino e filósofo do século 11) argumentou que a onisciência de Deus inclui a presciência infalível de tudo, incluindo os atos livres – “Deus, que prevê o que tu vais voluntariamente fazer, prevê que a tua vontade não será compelida ou restringida por qualquer outra coisa. Por conseguinte, esta atividade da vontade é livre.” (Geisler, 2002)

EXISTÊNCIA DO MAL – se Deus é soberano e pode fazer tudo que lhe agrada, então, por que há o mal no mundo? Um Deus Todo-poderoso poderia eliminar o mal, e um Deus Todo-bom ia querer fazê-lo. Contudo, o mal não está erradicado, portanto, conclui-se que não existe um Deus soberano.

Geisler usa três argumentos em relação a essa questão:

1. A lógica dessa questão é falha, porque o fato de Deus ainda não ter derrotado o mal não significa que Ele nunca o fará. De acordo com a Bíblia, Deus derrotará o mal (Apocalipse 21 e 22);
2. A soberania de Deus não significa que Ele possa fazer tudo que Ele quer fazer de qualquer jeito. Ele é um Soberano bom, e não tirânico. Deus deve agir conforme a sua natureza imutavelmente boa e sua sabedoria infinita (Números 23:19). Um ser infinitamente bom e sábio está em uma posição muito melhor do que os seres finitos e maus para saber qual a melhor maneira de obter o melhor mundo;
3. Visto que Deus, na sua bondade e sabedoria infinitas, concedeu aos seres humanos o poder da livre escolha, Ele não pode violar isso sem contradição – liberdade forçada não é liberdade. Por conseguinte, até um Deus Todo-poderoso não pode fazer o que é contraditório, e é contraditório forçar uma criatura a agir livremente. Em suma, Deus é soberano, mas na sua soberania Ele deseja que sejamos livres (Mateus 23:37; João 5:40; 2 Pedro 3:9; 1 Coríntios 15:24-28; Apocalipse 21:4).

SOBERANIA DIVINA E SALVAÇÃO

Conforme foi explicado acima, vimos de que forma a soberania divina e o livre-arbítrio podem se relacionar nas escolhas do dia a dia, mas, no que tange à salvação, as discussões dentro da Igreja se alongam infinitamente e nesse sentido é impossível que compreendamos totalmente a relação entre a soberania de Deus e o livre-arbítrio do homem. Somente Deus sabe totalmente como estas duas verdades trabalham juntas em Seu plano de salvação. Provavelmente, mais do que com qualquer outra doutrina, é crucialmente importante que, no que diz respeito a esse assunto, admitamos a nossa incapacidade de compreender totalmente a natureza de Deus e o nosso relacionamento com Ele. Ir longe demais para qualquer lado, resulta em uma compreensão distorcida da salvação.

A Bíblia deixa claro que Deus sabe quem será salvo (Romanos 8:29; 1 Pedro 1:2). Efésios 1:4 nos diz que Deus nos escolheu “antes da fundação do mundo”. A Bíblia descreve várias vezes os crentes como os “escolhidos” (Romanos 8:33; 11:5; Efésios 1:11; Colossenses 3:12; 1 Tessalonicenses 1:4; 1 Pedro 1:2; 2:9) e “eleitos” (Mateus 24:22,31; Marcos 13:20, 27; Romanos 11:7; 1 Timóteo 5:21; 2 Timóteo 2:10; Tito 1:1; 1 Pedro 1:1). O fato de os crentes serem predestinados (Romanos 8:29-30; Efésios 1:5, 11) e eleitos (Romanos 9:11; 11:28; 2 Pedro 1:10) para a salvação é totalmente claro.

A Bíblia também diz que somos responsáveis por receber a Cristo como Salvador - tudo o que temos que fazer é acreditar em Jesus Cristo e, assim, seremos salvos (João 3:16, Romanos 10:9-10). Deus sabe quem será salvo, Deus escolhe quem será salvo e nós temos que escolher a Cristo para sermos salvos. É impossível que uma mente limitada compreenda como estas três coisas trabalham juntas (Romanos 11:33-36). Nossa responsabilidade é levar o Evangelho a todo o mundo (Mateus 28:18-20; Atos 1:8). Devemos deixar a parte que diz respeito à presciência, eleição e predestinação nas mãos de Deus, simplesmente sendo obedientes em compartilhar o Evangelho.

CONCLUSÃO

A fundamentação bíblica e teológica do controle completo e soberano de Deus sobre a criação e todos os eventos humanos do passado, presente e futuro permanecem firmes. As objeções provenientes de dentro e de fora da Igreja podem ser contestadas, como vimos. Mesmo sem o exercício da influência persuasiva divina nas criaturas livres, Deus pode controlar o destino de todas as coisas, simplesmente pela sua presciência infalível, de saber como cada criatura escolherá exercer a liberdade.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. O que significa a “soberania de Deus”?

2. Como a soberania de Deus se relaciona com o livre-arbítrio?

3. Como sustentar a afirmação da soberania de Deus diante da existência do mal?

4. A soberania de Deus na salvação anula a liberdade do ser humano?

5. A soberania de Deus é exercida de forma arbitrária ou para expressar o seu amor?

A PROVIDÊNCIA DE DEUS

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender o que significa providência divina, sua distinção diante da soberania, sua relação com as leis na natureza criada e o milagre.	<i>“Só tu és SENHOR, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo que nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora.”</i> (Neemias 9:6)	Segunda	Atos 14:15-18
		Terça	Salmos 104:1-35
		Quarta	Daniel 2:20-23
		Quinta	Romanos 8:28-30
		Sexta	Mateus 6:30-33
		Sábado	2 Coríntios 9:8-10

INTRODUÇÃO

Não cremos em um deus criador que fez este mundo e depois virou as costas para sua criação, entregando-a à sorte e ao destino (deísmo, vide lição 02). O Deus da Bíblia é o Criador de tudo que veio a existir e, ainda, mantém o controle absoluto sobre tudo. Esse ato divino é denominado “Providência de Deus”. A palavra “providência” vem do latim “pro” e “video”, que significa “previsão”. Dessa forma, pode ser definida como “um arranjo cuidadoso preparado de antemão para a realização de determinados fins” (GEISLER, 2002). Essa providência divina é refletida nos seus atos de preservação, governo e cooperação.

Esse atributo está intimamente ligado à Soberania de Deus mas, conforme vimos na lição anterior, a Soberania diz respeito ao direito e ao poder que Deus tem de fazer absolutamente o que lhe agrada e a Providência está ligada ao meio, ao modo ou à maneira com a qual Deus age na sua criação.

PRESERVAÇÃO

O primeiro reflexo da Providência divina é a preservação. Louis Berkhof a definiu como a “obra contínua de Deus pela qual Ele mantém as coisas que criou, juntamente com as propriedades e poderes de que as dotou” (BERKHOF, 2007, p.157). Isso quer dizer que Deus mantém a ordem e a existência da criação conforme as leis que Ele próprio impôs desde o princípio. Nada foge ao seu controle e à sua vontade. Deus não cria continuamente, mas preserva o que já criou conforme as leis estabelecidas no ato da criação.

1. SUSTENTAÇÃO E CONTROLE: Deus está sustentando e controlando todas as coisas criadas. A terra, o mar e os céus são mantidos pela ação e determinação de Deus (Hebreus 1:3; Colossenses 1:17; Atos 17:28).

2. **ORDEM NA NATUREZA:** Deus mantém a ordem da natureza nos reinos animal, vegetal e mineral. A provisão e o sustento para a vida terrena dependem da interferência divina (Mateus 5:45; Atos 14:17; Salmo 104:14).
3. **PRESERVAÇÃO DA VIDA:** Deus preserva a vida dentro do seu propósito estabelecido. A essência e o tempo da vida estão submissos ao controle de Deus (Neemias 9:6; Jó 34:14-15; Salmo 104:29; 139:16).

GOVERNO

O segundo reflexo da providência divina é o governo. Governo é a contínua atividade de Deus pelo qual Ele rege as coisas a fim de garantir a realização dos seus propósitos. Isso quer dizer que Deus tem um propósito estabelecido em tudo que fez e faz no mundo, de maneira que conduz todas as coisas na direção desses seus divinos propósitos. A ideia de governo implica a execução ou cumprimento da Sua vontade.

1. **DEUS GOVERNA SUAS CRIATURAS:** conforme sua vontade, Deus opera no mundo e entre as pessoas individualmente (Efésios 1:11; Daniel 4:35; 1Samuel 2:6-7; Provérbios 16:9; Atos 17:26).
2. **DEUS DOMINA AS NAÇÕES:** não somente o indivíduo está sujeito à vontade de Deus, mas também as grandes nações (Salmos 47:9, 66:7; Daniel 2:21; Isaías 10:5-6).
3. **DEUS DIRIGE COM SABEDORIA E SANTIDADE:** os planos divinos são projetados e executados em favor do bem daqueles que O temem (Salmos 103:17-19; Mateus 10:29-31; Romanos 8:28; Filipenses 2:13).

Essa certeza da providência divina nos governos nos dá a garantia de que no mundo instável em que vivemos, no qual imperam as guerras, o desemprego, o alto custo de vida, a violência, os problemas familiares, enfim tudo que gera crise nas vidas das pessoas, existe um Deus que está no controle absoluto de todas as coisas. Existem momentos em que Deus permite que dificuldades venham sobre Seu povo, como para Jó, que perdeu tudo o que tinha – família, filhos, bens, fortuna e fama – mas não perdeu a fé. Isso nos mostra que, apesar de tudo, devemos continuar com fé no Deus que cuida de todas as coisas (Josué 1:9; Jeremias 29:11).

COOPERAÇÃO

O terceiro reflexo da Providência Divina é a cooperação. Cooperação é a ação do poder divino aliado aos poderes subordinados, visto nas leis estabelecidas na criação de todas as coisas. Ou seja, Deus pode tomar uma lei da natureza e direcioná-la para executar algum propósito. Deus pode nos socorrer através de atos milagrosos e sobrenaturais, mas pode muito bem usar os meios naturais e normais que Ele mesmo estabeleceu. Esperar que Deus

faça aquilo que, conforme determinado na Bíblia, é da competência humana implica desobediência e irresponsabilidade pessoal. De modo “natural” e “normal”, Deus usa o trabalho para prover o sustento, a medicina para tratar a saúde etc.

1. DEUS ORDENA QUE AS LEIS NATURAIS SE CUMPRAM: as leis naturais – chuva, vapor, neve, estações, o dia e a noite – são movidas por Deus (Jó 37:6-13; 38:22-30; Salmos 135:6-7, 148:8).
2. DEUS SUSTENTA A VIDA DOS ANIMAIS NO MUNDO: a própria cadeia alimentar natural é exercida mediante ação ordenada por Deus (Jó 38:39-41; Salmos 104:27-29; Mateus 6:26).
3. DEUS USA AS CIRCUNSTÂNCIAS PARTICULARES DA VIDA: situações, circunstâncias, “coincidências” ou aparentes fatalidades podem servir para um objetivo maior (Gênesis 45:5-8; Êxodo 4:11-12; Josué 11:6; Esdras 6:22; Provérbios 21:1).

A PROVIDÊNCIA MILAGROSA DE DEUS

Vimos que Deus usa os meios naturais para exercer sua providência, mas há tempos em que Deus julga necessário transcender a lei da natureza para exercer seu cuidado providencial pelas criaturas.

Berkhof diz que *“quando se realiza um milagre, as leis da natureza não são violadas, mas são superadas num determinado ponto por uma manifestação da vontade de Deus. As forças da natureza não são anuladas ou suspensas, mas são apenas neutralizadas, num ponto particular, por um poder superior a elas”* (BERKHOF, 2007, p.163).

Atacar os homens maus de Sodoma para preservar a vida dos servos de Deus é um exemplo (Gênesis 19:1-29). A ressurreição de Jesus é um grande exemplo, visto que era necessário para a nossa salvação (Romanos 4:25; 1 Coríntios 15:12-13). As pragas, por meio das quais o povo escolhido pôde chegar à Terra Prometida e dar origem ao Messias prometido, contêm numerosos milagres. Até os mágicos que emularam os milagres por meio de artifícios, admitiram: *“Isto é o dedo de Deus”* (Êxodo 8:19). Sem a intervenção milagrosa em muitos pontos da história, Deus não teria realizado o seu plano de preservar o povo escolhido e prover a salvação para o mundo (cf. Gênesis 12:1-3; Gálatas 4:4).

ALGUNS CUIDADOS EM RELAÇÃO À PROVIDÊNCIA DE DEUS¹⁴

É importante fazermos algumas distinções para entendermos, devidamente, a providência de Deus. Por um lado, Ele promete proteção para os justos, não para os arrogantes. Por outro, Ele atende às necessidades das criaturas, mas nem todos, na verdade, recebem estas providências.

¹⁴ Teologia Sistemática Norman Geisler – pág. 1052

1. PROTEÇÃO, NÃO ARROGÂNCIA – A Bíblia deixa claro que a proteção de Deus não se estende a todos os atos arrogantes que cometemos. O salmista escreveu: *“Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra”* (Salmos 91:11-12). Quando o diabo citou este texto para Jesus, alegando que seria sua garantia de proteção caso pulasse do Templo, Jesus reprovou esta interpretação errônea com estas palavras: *“Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus”* (Mateus 4:7). A lição é esta: podemos confiar na providência de Deus para cuidar de nós, se vivermos uma vida racional de acordo com as leis divinas, mas não devemos contar com a providência de Deus para proteger-nos se nos expusermos a riscos desnecessários.
2. PROVISÃO, NÃO SATISFAÇÃO – É doloroso saber que nem todas as pessoas da Terra têm comida, bebida, roupas e abrigo adequados. Isto é prova contra a providência geral de Deus? A resposta é, obviamente, negativa. Deus *forneceu* bastante água, material para confeccionar roupas e para a construção de abrigo para todos. Entretanto, isto por si só não garante que todos obterão essas coisas. Qual é, então, o problema? Em alguns casos, falta aos seres humanos o cultivo e a conservação da terra. Solo estéril pode ser o resultado de tratamento impróprio ou do seu uso exagerado.
Entretanto, apesar do uso inadequado da terra e da água que Deus deu, ainda há alimentos no mundo mais que suficientes para alimentar todos os que têm fome. A questão é de distribuição. Quais são as condições que impedem que todos sejam saciados? A corrupção. A depravação humana, evidenciada na ganância e na busca de poder, impede que as pessoas recebam o que Deus, abundantemente, forneceu para todos ficarem satisfeitos. Portanto, a necessidade humana não é por causa da falha na provisão de Deus, mas por causa do nosso pecado.

CONCLUSÃO

Como filhos de Deus, temos a confiança de que servimos a um Deus ativo em todo este universo, que promove o bem maior daquilo que lhe pertence, conforme Sua perfeita vontade.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. O que é providência divina e como se relaciona com a soberania de Deus?

2. Como a preservação da criação e o governo das nações podem ser entendidos à luz da providência de Deus?

3. Como o conceito de providência explica a cooperação entre as leis naturais criadas por Deus e a sua vontade absoluta?

4. O que significa milagre de acordo com a providência de Deus?

5. Quais são os cuidados necessários em relação à providência divina?

OS ATRIBUTOS DE DEUS¹⁵

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Conhecer o significado, a classificação mais comum e a implicação prática dos atributos divinos.	<i>“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Isaías 6:3)</i>	<i>Segunda</i>	Tiago 1:16-18
		<i>Terça</i>	Isaías 66:1-2
		<i>Quarta</i>	Salmos 90:1-17
		<i>Quinta</i>	Salmos 139:1-24
		<i>Sexta</i>	Jó 42:1-6
		<i>Sábado</i>	1 João 4:7-12

INTRODUÇÃO

Todas as substâncias, coisas ou pessoas, possuem uma série de características. Por exemplo: podemos relatar assim algumas características próprias do algodão. É composto de uma substância de cor branca, macio, com baixa densidade, inflamável e que pode ser facilmente dividido.

Deus também possui características próprias dele, as quais denominamos “atributos divinos”. Podemos, então, definir atributos divinos como sendo aquilo que Deus tem revelado como sendo verdadeiro a seu próprio respeito.

A palavra atributos, no plural, é um pouco infeliz, pois, pode indicar que a personalidade divina pode ser dividida ou que um atributo é interrompido para que outro seja exercido. Mas, na verdade, é incorreto pensarmos que Deus é uma parte amor e outra justiça, ou que a bondade de Deus é interrompida para que seu juízo seja exercido. Poderíamos, então, dizer que os chamados “atributos divinos” são, na realidade, um só atributo indivisível e único, mas utilizamos o termo “atributos” por uma questão de compreensão.

CLASSIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS

Entre os teólogos existem diferentes classificações dos atributos divinos¹⁶. Para nosso estudo, escolhemos uma: atributos comunicáveis e atributos incommunicáveis. Essa classificação diz respeito à comunicabilidade dos atributos, em certo nível, às criaturas

¹⁵ Adaptado das lições 3 e 4 da Revista Fundamentos 2013

¹⁶ Segundo a Teologia Sistemática de Louis Berkhof, os atributos divinos são geralmente classificados em: comunicáveis e incommunicáveis (explicado no texto); naturais (pertencem à natureza constitutiva de Deus) e morais (qualificam-no como um ser moral); absolutos (pertencem à existência de Deus, em si mesma) e relativos (pertencem à essência divina, em relação à sua criação); imanentes (aqueles que não se expõem nem operam fora da essência divina) e emanentes (os que se expõem e produzem efeitos externos quanto a Deus).

inteligentes (homens e anjos). Usaremos essa classificação por ser a mais comum e a mais conhecida entre os cristãos evangélicos.

ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS

Conforme já explicamos, os atributos incomunicáveis são aqueles para os quais não existe nada análogo nas criaturas e salientam o Ser Absoluto de Deus (BERKHOF, 2007):

1. **EXISTÊNCIA AUTÔNOMA** – Deus é autoexistente, isto é, Ele tem, em si mesmo, a base da sua existência – significa dizer que Ele sempre existiu e nada foi a causa para sua existência, como afirma Cristo em João 5:26 – *“Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.”* Esta autoexistência coloca-O independente em Seu pensamento (Romanos 11:33-35), em Sua vontade (Daniel 4:35), em Seu poder (Salmos 115:3) e em Seu conselho (Salmos 33:11).
2. **IMUTABILIDADE DIVINA** – é o atributo pelo qual se percebe que não há mudança em Deus. Não somente em seu Ser, mas também em seu poder (Romanos 4:20-21), em seus propósitos e planos (Isaías 46:10), em suas promessas (2 Coríntios 1:20) e em seus atributos (Malaquias 3:6), como dito em Tiago 1:17 – *“Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai da luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.”*

Não devemos, no entanto, confundir imutabilidade com imobilidade – como se Deus fosse uma estátua e a nada reagisse. Pelo contrário, Deus é capaz de, por exemplo, ter sentimentos: pode sentir grande empatia, como também imensa indignação.

Importante: existem alguns textos que dão a entender que Deus está sujeito a mudanças, como em Gênesis 6:6, mas existem duas explicações para esse “arrependimento” de Deus – uma é que o autor do texto atribui a Deus uma característica humana equivalente para se entender a atitude divina (antropopatia). A outra é que o “arrependimento divino” indica que Ele efetuou uma mudança no curso de suas ações e não que tenha cometido uma falha. Em Gênesis 6:8, Deus resolve destruir aquela geração com o dilúvio, ou seja, Ele mudou sua linha de ação.¹⁷

3. **A INFINITUDE DIVINA** – é o atributo de Deus por meio do qual percebemos que Ele é isento de toda e qualquer limitação. Isso implica na certeza de que Ele não é limitado de maneira alguma pelo universo (Isaías 66:1) e por esse mundo caracterizado pela relação tempo-espaço (Salmos 90:2). A infinitude de Deus é simplesmente idêntica à sua perfeição (Jó 11:7-10; Salmos 145:3).
4. **ONIPRESENÇA, ONIPOTÊNCIA E ONISCIÊNCIA DIVINAS** – esse trio de atributos tem o prefixo *“omni”*, que vem do latim e significa *“tudo”*. Assim, temos os seguintes significados:
 - Onipresença – Deus está presente em todo lugar (Salmos 139:7-12);
 - Onipotência – é a capacidade divina de realizar tudo que Ele decidiu fazer (Jó 42:2);
 - Onisciência – é a capacidade divina em conhecer o passado, o presente e o futuro detalhadamente, sem quaisquer limitações (Hebreus 4:13).

¹⁷ veja no final da revista, no anexo 5, um quadro com mais exemplos de antropomorfismos

ATRIBUTOS COMUNICÁVEIS

Os atributos comunicáveis de Deus são aqueles encontrados em suas criaturas inteligentes, no caso os seres angelicais e a humanidade. Apesar de serem características compartilhadas entre Criador e criaturas, continua existindo um abismo entre a natureza destes atributos no divino e no humano. Por exemplo, o amor de Deus é infinito e perfeito, mas o amor do homem é finito, pois ele é um ser finito e imperfeito. Observemos alguns desses atributos:

1. A SABEDORIA DE DEUS – Deus é sábio, como declarou Daniel – *“seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder”* (Daniel 2:20). É importante fazer uma diferença entre conhecimento e sabedoria. Conhecimento refere-se à capacidade de ter informações sobre as coisas, as pessoas e sobre si mesmo – o conhecimento de Deus está ligado à Sua onisciência. No entanto, sabedoria é a capacidade de planejar os fins perfeitos e atingir estes fins pelos melhores meios. A sabedoria divina encontra-se na Criação (Salmos 19:1-7), na Providência (Romanos 8:28) e na Salvação (Efésios 3:10).
2. O AMOR DE DEUS¹⁸ – 1 João 4:8 afirma que *“Deus é amor”* – quando observamos esta frase, percebemos a profunda ligação que existe entre o Criador e o amor – entendemos que o amor não foi obtido por Deus com algum esforço, mas o amor é a estrutura do seu Ser. A definição de amor e, ainda mais, amor divino, é praticamente impossível. Mas, podemos compreender melhor seu significado quando observamos outros atributos divinos, os quais são subdivisões deste atributo maior que é o amor:
 - BONDADE DIVINA – entendemos esta como a disposição de Deus que O move a tratar generosamente Suas criaturas (Salmos 145:16; Mateus 7:11);
 - GRAÇA DE DEUS – Refere-se ao amor dirigido a quem não tem direito a ele. O termo graça é utilizado, principalmente, para indicar a dádiva da salvação (Efésios 2:8);
 - MISERICÓRDIA DE DEUS – é o amor manifestado para com aqueles que estão na miséria ou aflição (Efésios 2:4; Tiago 5:11);
 - LONGANIMIDADE DE DEUS – refere-se à virtude pela qual Deus tolera os rebeldes e os maus, a despeito da sua prolongada desobediência, ou seja, Ele não nos concede imediatamente o castigo bem merecido pelo nosso pecado (1 Pedro 3:20).
3. A SANTIDADE DE DEUS – A palavra santidade significa separação e indica o abismo que há entre Deus e suas criaturas, especialmente no campo moral, indicando que, ao contrário dos homens, Deus está separado de qualquer impiedade ou pecado (Isaías 6:3; Apocalipse 4:8).

¹⁸ Estudaremos mais sobre o Amor de Deus na lição 11.

4. A JUSTIÇA DE DEUS (Estudaremos mais sobre a Justiça de Deus na lição 12) – A justiça divina é fruto da sua santidade. A justiça divina é o tratamento dirigido à Sua criatura, a depender de como ela reage aos mandamentos ditados por Deus. Se o homem obedece às leis divinas, Deus recompensa-o. Caso haja desobediência, há punição (Deuteronômio 7:11-13; 2 Tessalonicenses 1:7-9).
5. A VERDADE DE DEUS – os homens, por debilidade moral, ou por estarem enganados a respeito dos fatos, podem fazer afirmações mentirosas, como também, por causa da sua incapacidade, eles podem fazer promessas que não serão cumpridas. Deus, no entanto, por ser onisciente e onipotente, sempre diz a verdade e tudo que Ele promete, cumprir-se-á (Tito 1:2; Êxodo 34:6; Deuteronômio 32:4; Isaías 65:16; João 14:6).

CONCLUSÃO¹⁹

Os Atributos Incomunicáveis de Deus causam-nos espanto e conduzem-nos à adoração. Os Atributos Comunicáveis, além dessas reações, deixam-nos um grande desafio: viver em nossa própria existência estas características do Criador.

Vivermos em sabedoria em todo o tempo.

Andarmos em amor, vivenciando a bondade, a graça, a misericórdia e a longanimidade, de forma prática, com os nossos semelhantes.

Andarmos em santidade, separados do pecado deste mundo.

Sermos justos em nossos procedimentos e opiniões.

Sermos sinceros e transparentes em nossa relação com Deus e com os homens.

¹⁹ Não fizemos aqui uma apresentação de todos os Atributos Divinos – veja no final da revista, nos anexos 1 e 2, uma representação gráfica e um quadro mais completo sobre esses Atributos.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. O que são “atributos divinos”?

2. Quais são os atributos incomunicáveis?

3. Quais são os atributos incomunicáveis?

4. Como se relacionam atributos, aparentemente contraditórios, como amor e justiça?

5. Qual é a consequência prática de se conhecer os atributos divinos?

OS NOMES DE DEUS

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Conhecer o significado dos nomes de Deus na Bíblia e sua importância na revelação progressiva que Ele fez de si mesmo.	<i>“...Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.”</i> (Êxodo 3:13-14)	<i>Segunda</i>	Gênesis 17:1-8
		<i>Terça</i>	Gênesis 17:13-19
		<i>Quarta</i>	Êxodo 3:13-16
		<i>Quinta</i>	Mateus 1:18-25
		<i>Sexta</i>	Isaías 9:1-7
		<i>Sábado</i>	Apocalipse 1:4-8

INTRODUÇÃO

A Bíblia registra vários nomes de Deus. Esses nomes valem por toda a revelação progressiva de Deus em Sua relação com o seu povo ou, simplesmente pela pessoa, de modo que constitui sinônimo de Deus. Nesse caso, alguns nomes se relacionam com Seu caráter e atributos, outros com seus feitos.

Segundo o pensamento oriental, jamais um nome era considerado como um simples vocábulo, mas sim como expressão da natureza da coisa por ele designada. Saber o nome de uma pessoa era ter poder sobre ela. Os nomes dos diversos deuses eram utilizados nos encantamentos para se exercer poder sobre eles.

Então, no sentido mais geral da palavra, o nome de Deus é sua autorrevelação. É um designativo dele não como Ele existe nas profundezas do seu Ser Divino, mas como Ele se revela, especialmente, em suas relações com o homem.

A IMPORTÂNCIA DOS “NOMES” NA BÍBLIA

O estudo de nomes dados a pessoas e a lugares na Bíblia é tão interessante que vale a pena olhar um pouco sobre isso, antes de chegarmos ao tema principal que é “Os nomes de Deus”. Na Bíblia, os nomes revelam o caráter de pessoas e de solenidades em certas ocasiões. Por exemplo:

- Na batalha de Afeca, Israel foi derrotado pelos filisteus, perdendo trinta mil soldados; os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias foram mortos; a arca de Deus foi levada pelos filisteus; e quando estas notícias chegaram à esposa de Finéias, ela faleceu ao dar à luz a uma criança, a quem deu o nome de Icabod, logo antes de falecer. Este nome significa “Foi-se a glória de Israel”, demonstrando assim que a glória de Deus havia saído de Israel (1 Samuel 4).

- O nome Moisés significa “tirado das águas” e foi-lhe dado pela filha de Faraó, que disse: *“Porque das águas o tirei”* (Êxodo 2:10).
- O nome Samuel foi dado ao filho de Elcana e Ana como memorial a uma oração respondida. Samuel significa “ouvido por Deus” e foi-lhe dado por sua mãe: *“porque o pedi ao Senhor”* (1 Samuel 1:20).
- O nome Abraão significa “pai de muitos” e foi dado a Abrão por Deus quando lhe foi prometida numerosa descendência (Gênesis 17:5).
- O primeiro filho de Eva foi chamado Caim, que significa “adquirido”, porque, como ela disse: *“Tenho recebido um homem do Senhor”* (Gênesis 4:1). O nome dado a este filho, provavelmente, indica que Eva pensava que ele seria o Salvador (Gênesis 3:15). Se isto é verdade, grande foi sua decepção.
- Quando Samuel venceu os filisteus num campo de batalha entre Mispa e Sem, colocou uma pedra no lugar exato da vitória e chamou-a de Ebenézer, que significa “pedra de auxílio,” dizendo: *“Até aqui nos ajudou o Senhor”* (1 Samuel 7:12).
- O nome humano de Jesus foi dado ao nosso Senhor porque significa “Jeová salva”. Quando o anjo do Senhor apareceu a José para aquietar seu temor e desconfianças concernentes à sua virgem, Maria, ele anunciou o nascimento de um filho e disse: *“...e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.”* (Mateus 1:21).

OS NOMES DE DEUS NO AT E SEUS SIGNIFICADOS²⁰

1. EL, ELOHIM E ELYON – O nome mais simples pelo qual Deus é designado no AT é o nome ‘EL’, possivelmente derivado de ‘ul’, quer no sentido de ser primeiro, ser senhor, quer no de ser forte e poderoso. O nome ‘Elohim’ mostra Deus como o Ser forte e poderoso, como objeto de temor. O nome raramente ocorre no singular, exceto na poesia. O plural deve ser considerado como intensivo e, portanto, serve para indicar plenitude de poder. O nome ‘Elyon’ significa “subir, ser elevado” e designa Deus como alto e exaltado Ser.
2. ADONAI – Este nome relaciona-se com os anteriores e possui o significado de “julgar, governar” e, assim, revela Deus como Governante Todo-poderoso a quem tudo está sujeito e com quem o homem se relaciona como servo.
3. SHADDAI E EL-SHADDAI – Esses nomes são derivados de *shadad*, ser poderoso, e indica que Deus possui todo o poder no céu e na terra. É o nome com o qual Deus apareceu a Abraão (Êxodo 6:2).
4. YHWH – É especialmente com o nome *YHWH* (יהוה), que gradativamente superou os nomes anteriores, que Deus se revelou o Deus de Graça. Sempre foi tido como o mais

²⁰ Adaptado da Teologia Sistemática de Louis Berkhof – pág. 48-50

sagrado e o mais distintivo nome de Deus, o nome incomunicável. Os judeus temiam usá-lo por causa daquilo que está escrito em Levítico 24:16: *“Aquele que blasfemar o nome de YHWH será morto”*. Daí, ao lerem as Escrituras, substituíam-no por *‘Adonai’*. Como é possível perceber, esse conjunto de quatro consoantes é impronunciável, então, os massoretas (escribas judeus que se dedicaram a preservar e cuidar das Escrituras que, atualmente, constituem o Antigo Testamento, entre os anos 500 e 1000 d.C.), embora deixando as consoantes intactas, ligaram a elas as vogais de *‘Adonai’*, para permitir a sua leitura, mas a pronúncia original e o sentido de origem estão perdidos na obscuridade. Muitas formas de se escrever e pronunciar esse nome surgiram a partir daí. Nomes como Yahweh, Iavé, Javé, Jeová, dentre outros, são utilizados, mas nenhum deles é a forma correta de se pronunciar. Seu significado, como explicado pelo próprio Deus a Moisés em Êxodo 4:14, é *“EU SOU O QUE SOU”*. Esse nome não é empregado a ninguém mais, senão unicamente em referência ao Deus de Israel.

OS NOMES DE DEUS NO NT E SEUS SIGNIFICADOS

1. THEÓS – É o equivalente grego usado no NT para *‘El’*, *‘Elohim’* e *‘Elyon’*, e é o mais conhecido dos nomes aplicados a Deus. Assim como *‘Elohim’*, pode por acomodação ser empregado com referência a deuses pagãos, embora, estritamente falando, expressa a divindade essencial.
2. KÍRIOS – Substitui o *‘Adonai’* do AT. Esse nome designa Deus como o Poderoso Senhor, o Possuidor, o Governador que tem poder e autoridade legal. É empregado não somente com referência a Deus, mas também a Cristo.
3. PATER – Muitas vezes se diz que o NT introduziu um novo nome de Deus, a saber, *‘Pater’* – Pai. Mas, como já vimos, Deus já expressa sua relação como *‘Pai’* no AT em relação a Israel. Esse nome serve para expressar a relação da Pessoa do Pai na Trindade com Cristo, como Filho de Deus, seja no sentido metafísico, seja no sentido da mediação ou da relação ética de Deus com todos os crentes, como seus filhos espirituais.

Não discutimos aqui todos os nomes de Deus que existem na Bíblia. Veja no final da revista, no anexo 4, um quadro com os nomes de Deus, seus significados e suas referências.

CONCLUSÃO

Como aprendemos hoje, na Bíblia o nome de uma pessoa é uma descrição do seu caráter. Da mesma forma, os nomes bíblicos de Deus são diversas descrições do Seu caráter. Num sentido mais amplo, então, o “Nome” de Deus se iguala a tudo aquilo que a Bíblia e a criação nos dizem a respeito dele.

Quando oramos *“Santificado seja o teu nome”*, de Mateus 6:9, oramos para que as pessoas falem de Deus de um modo que Lhe seja honroso e que reflita com precisão o Seu caráter. Esse honrar o nome de Deus pode ser realizado por meio de ações como também de palavras, pois, nossas ações refletem o caráter do Criador a quem servimos. Honrar o nome de Deus, portanto, é honrar a Deus.

O Mandamento *“Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão”* (Êxodo 20:7) ordena que não desonremos a reputação de Deus, nem por palavras que digamos sobre Ele de maneira insensata ou deturpada nem por ações que não reflitam o Seu verdadeiro caráter.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Qual é o significado dos nomes na Bíblia?

2. Quais são os principais nomes de Deus no Antigo Testamento?

3. Quais são os principais nomes de Deus no Novo Testamento?

4. Por que o nome YHWH (impronunciável) é tão importante?

5. Por que e como o nome de Deus deve ser “santificado”?

O AMOR DE DEUS

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender como o amor de Deus está relacionado com sua essência e conhecer suas características e manifestações.	<i>“Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.”</i> (1 João 4:8)	<i>Segunda</i>	Jeremias 31:1-6
		<i>Terça</i>	1 João 4:7-21
		<i>Quarta</i>	Romanos 8:31-39
		<i>Quinta</i>	João 3:16-21
		<i>Sexta</i>	Efésios 5:22-33
		<i>Sábado</i>	Romanos 5:1-11

INTRODUÇÃO

O amor de Deus pode ser definido como um princípio eterno de Sua natureza pelo qual Ele é movido a conferir bênçãos eternas e espirituais. O amor é a causa que move todos os Seus atos de misericórdia e graça. O amor de Deus é a prova de que todas as coisas operam para o bem final do Seu povo; ele é a base de toda a Sua atividade de redenção.

O amor é o atributo mais conhecido de Deus e, de acordo com 1 João 4:16 – *“Deus é amor”*, esse atributo é aplicado à sua essência, conforme veremos mais à frente.

CARACTERÍSTICAS DO AMOR DE DEUS²¹

1. SEU AMOR É ETERNO – *“Com amor eterno eu te amei; por isso com benignidade te atraí”* (Jeremias 31:3). Aqui o segredo da atração do pecador a Deus é explicado. Ele atrai porque Ele ama. *“Bem-aventurado aquele a quem escolhes, e aproximas de ti”* (Salmo 65:4). O amor que nos comprou, também nos procurou e trouxe-nos a um lugar de segurança, o Senhor Jesus Cristo. Nunca houve tempo quando Deus não amasse Seu povo e nunca haverá tal dia. Ele nos amou tanto antes de sermos salvos quanto após sermos salvos: *“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5:8).
2. SEU AMOR É IMUTÁVEL – Deus não muda nem pode haver mudança em Seu amor. *“...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”* (João 13:1). O amor de Deus por Seu povo não teve princípio e, bendito seja Seu nome, ele jamais terá fim. É como o próprio Deus, de eternidade a eternidade. O argumento principal de Paulo pela segurança do salvo é que nada pode nos separar do amor de Deus - *“nada na sepultura do passado, nada nos perigos do presente nem nada no ventre do futuro”*. O amor de Deus não é sujeito a mudança (Romanos 8:35).

²¹ Adaptado do site: palavraprudente.com.br – Capítulo 19: o Amor de Deus

3. SEU AMOR É SOBERANO. Isto é autoevidente. Deus é soberano, consultando Seu próprio prazer majestoso e operando todas as coisas conforme o conselho de Sua vontade. Portanto, segue-se que Seu amor é soberano. Ele, por Si mesmo, escolhe os objetos de Seu amor. Não há no pecador algo que faça Deus amá-lo; ninguém pode reivindicar o direito do amor divino; Seu amor é soberano e de graça. O que existia no pecador para atrair o coração de Deus? Absolutamente nada! A verdade é que tudo merecia Sua ira. O único motivo de Sua atração por nós foi Seu querer, Sua vontade.
4. SEU AMOR É EFICAZ – Isto é óbvio, pois, é o amor do Todo-Poderoso. Grande é o significado de ser amado por Deus. Muitas vezes somos amados pelos que não podem nos ajudar. Eles não têm a capacidade de fazer por nós o que desejariam fazer. Tal amor é insuficiente pela falta de poder para torná-lo eficaz. Dario amava a Daniel, mas não tinha o poder para salvá-lo (Daniel 6). Mas nós somos amados pelo Todo-Poderoso, para quem nada é difícil. Os objetos do amor de Deus são eternamente seguros. Aquele que se assegura do amor de Deus, assegura-se também duma morada celestial.

A pergunta fundamental é esta: Como posso saber se Deus me ama? Como posso estar certo de que tudo opera para o meu bem? A resposta: Certifique-se de que ama a Deus. Meu amor por Deus evidencia o Seu amor por mim. *“Nós amamos porque Ele nos amou primeiro”* (1 João 4:19). Seu amor em nós criou nosso amor por Ele: *“O amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus”* (1 João 4:7).

MANIFESTAÇÕES DO AMOR DE DEUS

Deus é amor e Ele manifesta o que Ele é. Não existem atributos divinos vãos em Deus. Não há tal coisa como amor secreto. O amor se mostra exteriormente, quer seja de Deus, quer seja do homem. O amor é um princípio ativo e vivo da vida.

1. O AMOR DE DEUS PELO PECADOR MANIFESTOU-SE NA DÁDIVA DE SEU FILHO: O amor doa. O amor dá o que tem de melhor. *“Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito.”* (João 3:16). *“Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela”* (Efésios 5:25). *“O bom pastor dá a vida pelas ovelhas”* (João 10:11).
2. O AMOR DE DEUS É MANIFESTO NO NOVO NASCIMENTO: Por natureza, somos filhos da ira; mas, por um nascimento sobrenatural, nos tornamos filhos de Deus. João diz: *“Vede que quão grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus”* (1 João 3:1). Não somos apenas chamados filhos, mas somos feitos filhos de Deus pelo novo nascimento. Somos filhos por um chamado divino que resulta em novo nascimento.

3. O AMOR DE DEUS É MANIFESTO NA DISCIPLINA: A disciplina é uma expressão e prova de amor. *“Porque o Senhor corrige o quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe”* (Hebreus 12:6). Aqui está a prova de que nenhum filho de Deus é perfeito. Todos precisam de correção. A correção vem da mão amorosa de um Pai sábio, a condenação vem dos lábios retos de um juiz santo e justo. Quando os santos são confrontados por causa do pecado, são corrigidos pelo Senhor para não serem depois condenados com o mundo (1 Coríntios 11:32). A correção não é prazerosa, mas é proveitosa; ela multiplica os frutos de retidão e nos faz participar da sua santidade (Hebreus 12:10-11).

A TRINDADE E O AMOR

Nesse tópico, faremos uma análise da Trindade Divina a partir do amor e tendo como base o texto de 1 João 4:7-19, assim como fez Franklin Ferreira no livro Teologia Cristã (FERREIRA, 2011). Uma afirmação que se destaca nessa passagem é que *“Deus é amor”* (1 João 4:8). O apóstolo não afirma que o atributo divino mais importante é o amor. O que o apóstolo afirma, na verdade, é que Deus, por ser um Ser pessoal, é amor. E esse amor é exemplificado no fato de que Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo. Voltemos ao texto: em que consiste esse amor? No fato de que Deus nos amou *“e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”* (1 João 4.10). Para o apóstolo, esse amor transbordante que há na Trindade nos é revelado na vinda do Filho, e este vem para propiciar os nossos pecados. Devemos notar que o apóstolo usa uma palavra mais vigorosa — *“propiciação”* — para resumir a obra salvadora de Cristo na cruz. Ao aplacar-se a ira de Deus, seu amor se revela no e por meio do Filho. Continuando, o apóstolo mostra como podemos permanecer em Deus: *“por ele nos haver dado do seu Espírito”* (1 João 4:13). De acordo com o apóstolo, o Espírito não é apenas o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. Ele também é quem nos insere nessa comunhão de amor. Por isso, só conseguimos amar outras pessoas por meio do Espírito. Só conseguimos confessar Jesus como Filho de Deus e Salvador do mundo por meio do Espírito. Só conseguimos ser aperfeiçoados por meio do Espírito. Só permanecemos em Deus por meio do Espírito. E somente por meio do Espírito de santidade somos aperfeiçoados no amor, *“para que tenhamos confiança no dia do juízo, pois, assim como ele é, nós também somos neste mundo”* (1 João 4:17). No fim, amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro; e Deus é amor, porque Ele é Pai, Filho e Espírito Santo, a santa comunidade do amor pessoal e infinito. Em resumo, o que o apóstolo ensina é que Deus é pessoal. Ele é amor, e só pode ser amor transbordante, gracioso, propiciador e experimental por ser o Deus trino. A declaração apostólica *“Deus é amor”* é uma declaração trinitária.

O Deus que, desde toda a eternidade, é um Deus de amor é amor porque existe, eternamente, numa relação plena de amor. Assim, podemos afirmar que, mesmo antes de

existir qualquer ser criado, Deus já existia como um Deus de amor — Pai, Filho e Espírito Santo, a santa comunhão de amor.

CONCLUSÃO

Deus não é só completamente verdadeiro. Ele é absolutamente bom. Ele não só tem integridade perfeita. Ele tem amor perfeito. Em suma, Ele é Todo-verdadeiro e Todo-amoroso. É impossível Ele mentir (Hebreus 6:18), e Ele é amor por sua própria natureza (1 João 4:16). Desse modo, estes atributos fornecem confiança total nos pronunciamentos e nas promessas divinas. A sua obra não pode ser interrompida ou extinguida (João 10:35; Mateus 5:17-18). Semelhantemente, podemos confiar que o seu amor nunca nos falhará (Romanos 8:35-39).

Por fim, vimos que o amor faz parte da essência de Deus e toda a criação é uma expressão desse amor desde a eternidade na Trindade.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Como o amor de Deus se revela na salvação dos pecadores?

2. Cite características do amor de Deus?

3. Quais são as principais manifestações do amor de Deus?

4. Como Jesus demonstrou amor pela igreja?

5. Por que a afirmação “Deus é amor” é uma declaração da existência da Trindade (Deus Pai, Filho e Espírito Santo)?

A JUSTIÇA DE DEUS

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Compreender o conceito bíblico de justiça de Deus relacionando-o com a santidade e o amor do caráter divino bem como à justificação e condenação de pecadores.	<i>“Ele mesmo julga o mundo com justiça; governa os povos com retidão”.</i> (Salmos 9:8)	<i>Segunda</i>	Salmos 119:137-144
		<i>Terça</i>	Salmos 93:1-13
		<i>Quarta</i>	João 3:16-21
		<i>Quinta</i>	Romanos 1:18-27
		<i>Sexta</i>	Romanos 2:12-16
		<i>Sábado</i>	Gálatas 2:15-21

INTRODUÇÃO

Russell Normam Champlin, em sua Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, explica assim o termo *Justiça*: “A palavra portuguesa ‘justiça’ vem do latim ‘jus’ que significa ‘direito’ e ‘lei’. A justiça consiste na preocupação exata e escrupulosa pelos direitos alheios e pelo relacionamento do indivíduo com o Juiz Supremo, Deus. A justiça requer atos de retidão, e não meras palavras ou aceitação de certos ideais. O homem justo age corretamente e de forma altruísta. De acordo com a teologia cristã, ninguém pode ser justo por si mesmo. A justiça é um dos atributos comunicáveis de Deus, sendo investida no homem através de Cristo, por meio da conversão, da santificação e do contínuo ministério do Espírito Santo.” (CHAMPLIM, 2014, p.676)

Apesar de ser bastante clara, parece que falta alguma coisa quando a lemos. Pretendemos, nessa lição, nos aprofundar um pouco mais sobre o tema – Justiça de Deus e responder a algumas perguntas relacionadas ao tema: Como conciliar a justiça de Deus com seu amor? Como pode o pecador apresentar-se justo diante de um Deus santo? Por último, mas não menos importante, é justo um Deus de amor condenar o homem a uma eternidade no inferno?

A JUSTIÇA DE DEUS

Antes de falar da justiça de Deus, devemos explicar a Sua santidade. Estes conceitos estão intimamente relacionados. O atributo da santidade significa que Deus é, inteiramente, separado de toda a criação e do mal. Como tal, a sua santidade inspira um sentimento profundo de temor (Isaías 29:23) e adoração perpétua (1 Crônicas 16:29; Apocalipse 4:8) nas suas criaturas. A santidade de Deus é um atributo metafísico e moral. Refere-se à sua singularidade moral absoluta, como também à sua separação total de todas as criaturas. Em

certo sentido, a santidade é um atributo global de Deus que o distingue de tudo o mais que existe.

A justiça de Deus (em grego – *dikaios*) significa, literalmente, “ser justo”, “ser reto”. Teologicamente, diz respeito à característica intrínseca de Deus pela qual Ele é, absolutamente, justo, ou reto, e é o padrão último de justiça e retidão. Norman Geisler, em sua Teologia Sistemática, apresenta a lógica da justiça de Deus da seguinte forma:

1. Deus é um ser moral.
2. Deus é um ser perfeito.
3. Por conseguinte, Deus é um ser moralmente perfeito. Uma característica de ser moral é ser justo. Portanto, Deus é um Ser, perfeitamente, justo (GEISLER, 2015).

Podemos concluir que a relação entre esses dois atributos se apresenta da seguinte forma: a justiça é o atributo de Deus que manifesta a sua santidade.

A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Como sabemos, o homem feriu a santidade de Deus no jardim do Éden (Gênesis 3) e, por conseguinte, a justiça de Deus precisou ser aplacada ou satisfeita. Ao homem cabia apenas a ira divina, mas, por amor (conforme estudamos na lição passada), Deus preparou um plano para atender à sua justiça – *“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por Ele salvos da ira”* (Romanos 5:8-9).

A Bíblia explica esse plano divino com o termo “justificação”. Esse termo se refere ao julgamento judicial. Não significa tornar reto ou santo, mas anunciar um veredito favorável, declarar justo. O ato de “justificar” é contrastado com o ato de “condenar” (Conforme Deuteronômio 25:1; 1 Reis 8:32; Provérbios 17:15; Romanos 8:33). Assim como condenar é o meio de tornar alguém ímpio, justificar é o meio de tornar alguém justo.

Wayne Grudem explica a doutrina da justificação da seguinte forma: *“é um ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual Ele considera os nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós e declara-nos justos à vista dele”* (GRUDEM, 1999, p.604). Biblicamente, esta frase pode ser dividida da seguinte forma:

1. A JUSTIFICAÇÃO INCLUI UMA DECLARAÇÃO LEGAL DA PARTE DE DEUS – Romanos 3:20, 26, 28, 5:1, 8:30, 10:4, 10; Gálatas 2:16, 3:24;
2. DEUS NOS DECLARA JUSTOS À VISTA DELE – A) Com a declaração do perdão dos nossos pecados – Romanos 4:6-8, 8:1, 33-34; B) Com a declaração de possuidores de méritos de perfeita justiça diante dele – Isaías 61:10; Romanos 3:21-22, 5:19;
3. DEUS PODE DECLARAR-NOS JUSTOS PORQUE ELE NOS IMPUTA A JUSTIÇA DE CRISTO – Romanos 4:3 citando Gênesis 15:6, Romanos 5:17, 6:23; 1 Coríntios 1:30; Filipenses 3:9;

4. A JUSTIFICAÇÃO CHEGA EM NÓS INTEIRAMENTE PELA GRAÇA DE DEUS, NÃO POR CAUSA DE ALGUM MÉRITO EM NÓS MESMOS – Romanos 3:23-24; Efésios 2:8-9; Tito 3:7;
5. DEUS NOS JUSTIFICA POR MEIO DE NOSSA FÉ EM CRISTO – Gálatas 2:16; Romanos 3:25-26, 5:1.

A CONDENAÇÃO DOS ÍMPIOS²²

Mas é justo Deus mandar para o inferno pessoas que nunca ouviram o único Evangelho pelo qual poderiam ser salvas? Na verdade, essa questão abrange várias perguntas numa só. Elas serão divididas e analisadas uma a uma:

1. OS ÍMPIOS ESTÃO PERDIDOS – A resposta bíblica a essa pergunta é clara: todos os seres humanos são *“por natureza, filhos da ira”* (Efésios 2:3; combinado com Romanos 5:12). Referindo-se, explicitamente, aos ímpios, que só têm a revelação geral, o apóstolo Paulo declarou que todos os homens são indesculpáveis (Romanos 1:20). Da mesma forma, acrescenta: *“Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos que com lei pecaram mediante a lei serão julgados”* (Romanos 2:12). Por isso, sua conclusão é que todos estão condenados pelo pecado (Romanos 3:22-23). Sim, rebeldes pecadores contra Deus permanecem perdidos e separados do conhecimento de Cristo.
2. É JUSTO CONDENAR AQUELES QUE NÃO OUVIRAM? – Sim, é justo condenar os que não receberam a revelação especial de Deus. Inicialmente, por meio da revelação geral eles conhecem *“seu eterno poder, como a sua própria divindade”* (Romanos 1:20; Atos 14:15;17). Apesar de não terem a Lei de Moises (Romanos 2:12-15), Deus revelou-se aos ímpios por meio da criação e da consciência, mas a humanidade pecadora rejeitou, universalmente, essa luz. Logo, Deus não é obrigado a dar-lhes mais luz, já que rejeitaram a luz que têm (Romanos 1:18). Uma pessoa perdida no escuro de uma floresta densa, que procura um pouco de luz, deve ir em direção a ela. Se essa pessoa se afasta da pouca luz e fica eternamente perdida nas trevas, ela só pode culpar a si mesma. As Escrituras dizem: *“O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más”* (Jo 3.19). Se o incrédulo realmente buscasse a Deus por meio da revelação geral, Deus providenciaria a revelação especial suficiente para a salvação dele. Depois que Deus levou Pedro ao gentio Cornélio, o apóstolo reconheceu: *“Deus não faz acepção de pessoas”* (Atos 10:34,35). O autor de Hebreus nos diz que aqueles que procuram encontram: *“Deus [...] se torna galardoador dos que o buscam”* (Hebreus 11:6).
3. HÁ SALVAÇÃO SEM CRISTO? – Todos os cristãos ortodoxos concordam que não há salvação sem a obra redentora de Cristo (João 14:6). O apóstolo Paulo acrescentou que há um só mediador (1 Timóteo 2:5). Além disso, o autor de Hebreus concordou com essa posição (Hebreus 9:26b; Hebreus 10:12,14). Literalmente, *“não há salvação em*

²² Uma defesa da justiça de Deus. Adaptado da Enciclopédia de Apologética, pág. 676-677.

nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12).

4. DEUS PROVIDENCIOU MUITOS PARA LEVAR O EVANGELHO AOS PERDIDOS – Deus tem vários caminhos à sua disposição por meio dos quais pode levar a verdade do Evangelho às almas perdidas. O meio mais comum são os pregadores do Evangelho (Romanos 10:14,15), seja pessoalmente, seja por meio de rádio, tv, internet ou alguma gravação. Muitas pessoas já receberam uma Bíblia, leram-na e foram salvas. Outras foram salvas mediante literatura evangélica. Não podemos saber se Deus transmitiu revelação especial por meio de visões, sonhos ou outras maneiras milagrosas. A verdade é que Deus está mais interessado em que todos sejam salvos do que nós estamos (2 Pedro 3:9). A justiça de Deus exige que Ele condene todos os pecadores, mas seu amor o compele a salvar a todos os que, por sua graça, creem. Porque *“todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”* (Romanos 10:13).
5. PESSOAS DE TODAS AS NAÇÕES SERÃO SALVAS? Os que rejeitam a posição de que a revelação especial seja necessária para a salvação geralmente indicam os países não-cristãos. E a China, a Índia, a África e muitos países que eram comunistas? Certamente, não é justo ter no céu tantos dos países ocidentais e tão poucos das terras orientais. Não há razão para a porcentagem de pessoas salvas ser a mesma em todos os países. A quantidade de salvos dependerá de quem crê, e isso varia de lugar para lugar. Assim como na agricultura e na pesca, algumas áreas são mais férteis que outras. As Escrituras garantem que haverá *“grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e do Cordeiro”* (Apocalipse 7.9a). Na verdade, apesar da porcentagem variar, pareceria estranho se não houvesse ninguém de um país que desejasse ser salvo (assim como seria estranho que todas as pessoas de outro país quisessem ser salvas).
6. EXISTE A SEGUNDA CHANCE? Alguns apologistas cristãos e muitas seitas acreditam que Deus dará uma segunda chance depois da morte para os que nunca ouviram o evangelho. Os cristãos ortodoxos rejeitam isso. A Bíblia declara: *“E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto, o juízo”* (Hebreus 9:27). As Escrituras instam o homem, com urgência, a tomar uma decisão agora, nesta vida (Provérbios 29:1; João 8:24; Hebreus 3:7-13). O texto de 2 Pedro 3:9 é forte evidência de que não há segunda chance. O fato de as pessoas irem imediatamente para o céu ou para o inferno (Lucas 16:19-31; 2 Coríntios 5:8; Apocalipse 19.20) indica que a decisão deve ser tomada nesta vida. Já que Deus tem tantas maneiras de se revelar aos incrédulos antes da morte, é desnecessário que o faça depois que morrem. A crença na segunda chance solapa a ordem de fazer missões. Para que haver a Grande Comissão (Mateus 28:18-20) se as pessoas podem ser salvas sem receber a Cristo nesta vida?

Interpretações das Escrituras usadas para dar apoio à segunda chance de salvação são, na melhor das hipóteses, muito polêmicas (1 Pedro 3:18,19). Textos claros ensinam que o inferno aguarda os incrédulos. Não há evidência real de que Deus dará segunda chance para alguém ser salvo após a morte. Jesus disse: *“Eu vos disse que morrereis*

nos vossos pecados; porque se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados”
(João 8:24).

CONCLUSÃO

Como vimos, a justiça de Deus se refere à justiça absoluta. Justiça é a característica intrínseca de Deus na qual Ele é o padrão último de ações justas e certas. Por conta disso, tem de castigar todos os atos injustos e maus. Vimos também que Deus, por amor, preparou um plano para que sua justiça fosse satisfeita – a morte de Jesus substituiu a nossa pena de morte (Romanos 5:7-8). Dessa forma, fomos reconciliados com Deus apesar do nosso pecado.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. O que é justiça?

2. Como relacionar a justiça de Deus com sua santidade?

3. Como relacionar justiça e amor diante da revelação do ser de Deus?

4. Um pecador condenado, sem ter ouvido o Evangelho, poderá usar este fato como desculpa?

5. Existe uma segunda chance de salvação para um pecador que não se arrepende em vida?

DEUS E A ORAÇÃO²³

Objetivo da Lição	Texto Devocional	Leituras diárias	
Identificar os aspectos práticos da oração que revelam conhecimento do ser de Deus e comprometer-se a buscá-lo através desta prática.	<i>“Ó tu que escutas a oração, a ti virão todos os homens”.</i> (Salmos 65:2)	<i>Segunda</i>	Mateus 6:5-15
		<i>Terça</i>	Mateus 7:7-12
		<i>Quarta</i>	Tiago 4:1-10
		<i>Quinta</i>	Tiago 5:14-18
		<i>Sexta</i>	1 João 5:1-15
		<i>Sábado</i>	Hebreus 11:1-6

INTRODUÇÃO

Uma das maneiras pelas quais Deus permite que sua criação se envolva com Ele é por meio da oração. A oração, que é nossa comunicação pessoal com Deus, não só nos ajuda a conhecê-lo melhor como também verdadeiramente. Por meio da oração, podemos fazer nossos pedidos a Deus, confessar-lhe nossos pecados e prestar-lhe adoração, louvor e ação de graças.

A RAZÃO PARA ORAR

Deus não quer que oremos para que Ele possa saber do que precisamos. Jesus disse: *“porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais”* (Mateus 6:8). Em vez disso, Deus quer que oremos para que a nossa dependência dele possa aumentar. Quando vamos a Deus em oração acerca de algo, expressamos confiança nele, a certeza de que Ele vai ouvir e responder as nossas orações. É por isso que Jesus compara nossas orações com uma criança que pede a seu pai um peixe ou um ovo (Lucas 11:9-12). Como uma criança confia e espera que seu pai lhe proveja o que pediu, assim devemos esperar, com fé, que Deus tomará providências a nosso respeito. Jesus disse: *“e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis”* (Mateus 21:22).

Deus não apenas deseja que nossa confiança nele cresça por meio da oração, mas também que nosso amor por Ele e nossa relação com Ele cresçam e se aprofundem. Quando oramos de verdade, fazemos isso com o todo de nosso caráter em relação à totalidade de seu caráter. Assim, o que pensamos e sentimos sobre Deus acontecerá por meio de nossas orações. Isso, por sua vez, aprofundará nosso amor e nossa compreensão a seu respeito e, no final, estreitará nosso relacionamento com Ele. Isso é algo em que Deus se deleita e lhe traz glória. Por fim, Deus quer que oremos porque isso nos permite fazer parte de uma

²³ Lição baseada em Bases da Fé Cristã de Wayne Grudem.

história maior do que a nossa. Isso nos permite estar envolvidos em atividades que possuem significado eterno. Quando oramos, o reino de Deus avança enquanto sua vontade é feita *“assim na terra como no céu”* (Mateus 6:10).

A EFICÁCIA DA ORAÇÃO

Quando pedimos coisas em oração, Deus geralmente as atende. Jesus deixa isso bem claro quando diz: *“Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscais, e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e quem bate, abrir-se-lhe-á”* (Lucas 11:9-10). Nossa falha em pedir coisas a Deus costuma ser a razão de não recebermos o que Ele se compraz em dar. Tiago diz: *“Nada tendes, porque não pedis”* (Tiago 4:2).

A Escritura dá muitos exemplos de respostas divinas, até mesmo mudando a maneira de Ele agir em resposta às orações de cada indivíduo. Por exemplo, quando o Senhor disse a Moisés que destruiria o povo de Israel por causa de seu pecado, Moisés lhe fez a seguinte oração: *“Torna-te do furor da tua ira e arrepende-te deste mal contra o teu povo!”* (Êxodo 32:12). A resposta: *“Então, se arrependeu o SENHOR do mal que dissera havia de fazer ao povo”* (Êxodo 32:14).

Em um nível mais pessoal, João nos diz: *“Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”* (1João 1:9). Esses dois exemplos, juntamente com muitos outros da Bíblia, devem nos encorajar a orar mais fervorosamente, pedindo ao Senhor para operar do jeito que somente Ele pode fazer.

De nossa parte, não temos o direito de pedir ousadamente qualquer coisa a Deus. Nosso próprio pecado pessoal deve nos desqualificar de solicitar algo a um Deus santo. Mas, se a nossa fé está em Jesus, a Bíblia diz que Ele é a razão de nossas orações surtirem efeito. Ele é o *“mediador entre Deus e os homens”* (1Timóteo 2:5). Ou, como o próprio Cristo afirmou: *“Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”* (João 14:6). Assim, Deus não tem obrigação de responder as orações daqueles que têm rejeitado seu Filho. Embora Ele esteja ciente de tais orações e, às vezes, em virtude de sua misericórdia, prefere respondê-las, Ele não promete ouvir e responder às orações dos descrentes como o faz com as orações daqueles que estão de acordo com sua vontade.

Visto ser Jesus o único e verdadeiro mediador entre o Deus santo e homens pecadores, Ele pôde dizer aos discípulos: *“Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome”* (João 16:23). Quando Ele disse isso, não quis afirmar que devemos nos apegar à frase “em nome de Jesus” para cada uma de nossas orações. Em vez disso, Ele quis dizer que nossas orações deveriam ser feitas com base em sua autoridade como nosso mediador e de acordo com seu caráter. Isto é, em parte, o que João quis dizer quando escreveu àqueles *“que creem no nome do Filho de Deus (...) que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele nos ouve”* (1 João 5:13,14).

NOSSA ATITUDE EM ORAÇÃO

Não só Ele nos ouve, diz João, mas *“se sabemos que Ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito”* (1João 5:15). Essas orações efetivas que Jesus responde e que ansiamos fazer, devem ser expressas *“de acordo com sua vontade”* (1João 5:14). Orar de acordo com a vontade de Deus, muitas vezes, requer humildade de nossa parte, pois, demanda que oremos não simplesmente pelo que desejamos, mas, em vez disso, pelo que Deus deseja.

Às vezes é fácil saber o que é a vontade de Deus e, portanto, orar de acordo com ela. Por exemplo, se oramos de acordo com um mandamento direto ou uma declaração de sua vontade na Escritura, então, poderemos pedir a Deus que faça aquilo que deseja e as coisas que lhe agradam. Na verdade, Jesus nos encoraja a ter em nós mesmos as próprias palavras de Deus enquanto oramos: *“Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito”* (João 15:7).

Há, no entanto, muitas situações em que não está totalmente claro qual é a vontade de Deus. Nesses momentos, devemos orar de acordo com os princípios gerais da Escritura, pedindo a Deus que opere em nosso favor, fazendo-lhe as petições que nos parecem melhores ao entendimento. Devemos fazê-lo com uma atitude humilde, entendendo que estamos rogando a Deus para agir somente se nossos pedidos estiverem em harmonia com sua vontade. Algumas vezes, Deus vai conceder o que pedimos. Outras, Ele aprofundará nossa compreensão da situação para que nossos corações sejam movidos a pedir algo mais. Em outras ocasiões, Ele parecerá ficar em silêncio. Nesses tempos difíceis, devemos ficar contentes em saber que a vontade de Deus em cada situação é melhor do que receber o que pedimos.

Mesmo assim, Jesus nos anima a orar de tal forma que creiamos já ter recebido (ou seja, o que Deus já decidiu nos dar) aquilo que pedimos (Marcos 11:24). Esse tipo de fé não é algo que possamos criar ou forçar se, realmente, não cremos; ela é dom de Deus, concedido por Ele por meio da oração. Essa *“certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem”* (Hebreus 11:1) provém da crença de que Deus existe e *“que se torna galardoador dos que o buscam”* (Hebreus 11:6).

Qualquer coisa em nossa vida que desagrade a Deus prejudicará nossas orações.

O salmista explica: *“Se no coração eu contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido”* (Salmos 66:18). Da mesma forma, *“o SENHOR está longe dos perversos, mas atende à oração dos justos”* (Provérbios 15:29). E *“os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas, mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males”* (1Pedro 3:12).

Todavia, não precisamos estar completamente livres do pecado para que Deus ouça nossas orações. Se Deus somente respondesse às orações de pessoas perfeitas, sem pecado, então, responderia apenas às orações de Jesus. E, como foi dito anteriormente, é apenas por causa da obra de Jesus em nosso favor que Deus ouve nossas orações. Nós, no entanto, precisamos buscar a santidade em nossa vida, pois, esse é o caminho para maior bênção.

Quando cometemos pecado, Deus nos exorta a usar o dom da oração para buscar seu perdão. Quando confessamos os pecados a Deus, essa atitude restaura nosso relacionamento diário com Ele. Quando confessamos nossos pecados, Deus é *“fiel e justo”* para perdoar esses pecados e não nos castigar por causa deles (1 João 1:9), porque Cristo já foi punido por eles na cruz. Com esse incentivo, não devo apenas buscar o perdão do Senhor para as faltas que sei ter cometido, mas também devo pedir que Ele *“absolva-me das que me são ocultas”* (Salmos 19:12). Além disso, Tiago nos anima a confessar nossos pecados *“uns aos outros”* e a *“orar uns pelos outros”* para que sejamos curados (Tiago 5:16).

CONCLUSÃO

Por fim, à luz da obra de Deus em nosso favor, devemos pedir coisas com atitude humilde porque *“Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”* (Tiago 4:6). Isso significa, em parte, que estamos cientes de que, nem sempre, pediremos coisas como deveríamos ou de acordo com a vontade de Deus, e, portanto, às vezes nossas preces não serão respondidas como desejamos.

Quando nossas orações ficam sem resposta, nos unimos à companhia de homens como Jesus e Paulo, cujas orações não foram respondidas. Mesmo Jesus, antes de ser crucificado, pediu ao Pai para *“passar este cálice”* dele, mas sua humildade e submissão à vontade de Deus é bem evidente na segunda parte de sua oração: *“Contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua”* (Lucas 22:42).

Por três vezes Paulo *“pediu ao Senhor”* que removesse sua aflição. O Senhor não o atendeu, mas lhe disse: *“A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”* (2Coríntios 12:8-9). Essas orações não respondidas não abalaram a confiança de Jesus e nem a de Paulo num Deus que faz todas as coisas para o bem daqueles que são chamados segundo o seu propósito (Romanos 8:28). Eis o que Deus nos promete hoje: *“De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te desampararei”* (Hebreus 13:5). Portanto, independentemente da situação, podemos, confiadamente, dizer: *“O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?”* (Hebreus 13:6).

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Qual é a razão principal para orar apresentada na Bíblia?

2. O que a Bíblia ensina sobre a eficácia da oração?

3. Qual deve ser a atitude do cristão em oração?

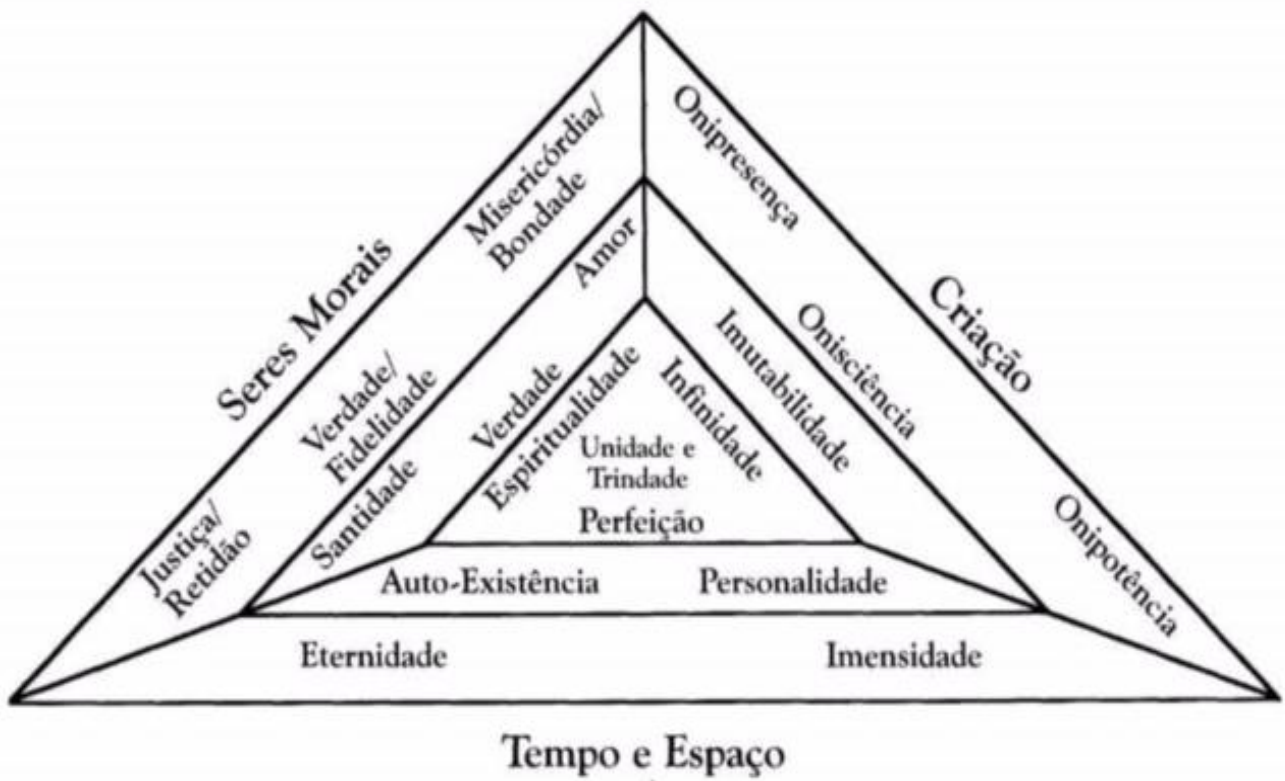
4. O que aprendemos com o Senhor Jesus e o Apóstolo Paulo sobre a oração em momentos de angústia?

5. Como orar quando não sabemos a vontade de Deus?

ANEXO 1

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA SOBRE OS ATRIBUTOS DE DEUS

Teologia Cristã em Quadros – Wayne House



ANEXO 2

DEFINIÇÕES DOS ATRIBUTOS DE DEUS

Teologia Cristã em Quadros – Wayne House

ATRIBUTOS	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Simplicidade/ Espiritualidade	Deus não é composto de partes, nem é complexo; é indivisível, único e espiritual em seu ser essencial	João 1:18, 4,24, 1 Timóteo 1:17, 6:15-16
Unidade	Deus é um	Deuteronômio 6:4; 1Coríntios 8:6
Infinidade	Deus não possui término ou limitação	1Reis 8:27; Salmo 145:3; Atos 17:24
Eternidade	Deus é imune à passagem do tempo	Gênesis 21:33; Salmo 90:2
Imutabilidade	Deus não muda nem pode mudar em seu ser	Salmo 102:27; Malaquias 3:6; Tiago 1:17
Soberania	Deus é o chefe supremo, independe de qualquer autoridade fora de si mesmo.	Efésios 1 (especialmente v. 21)
Onisciência	Deus conhece todas as coisas existentes e possíveis	Salmos 139:1-4; 147:4-5; Mateus 11:21
Onipresença	Deus está presente em toda a parte	Salmo 139:7-12; Jeremias 23:23-24
Onipotência	Deus é todo-poderoso para realizar tudo que decide fazer	Mateus 19:26; Apocalipse 19:6
Justiça	Deus possui equidade moral, Ele não mostra favoritismo	Atos 10:34-35; Romanos 2:11
Amor	Deus busca o bem supremo dos seres humanos, pagando um preço infinito	Salmo 103:17; Efésios 2:4-5; 1 João 4:8,10
Benevolência	Deus tem um interesse altruísta pelo bem-estar daqueles que ama	Deuteronômio 7:7-8; João 3:16
Graça	Deus concede favores imerecidos àqueles que ama, segundo as suas necessidades	Êxodo 34:6; Efésios 1:5-8; Tito 2:11

Bondade	Aquilo que constitui o caráter de Deus, sendo demonstrada pela benevolência, graça e misericórdia	Êxodo 33:19, Salmo 145:9
Liberdade	Deus é independente das suas criaturas	Salmo 115:3
Santidade	Deus é justo, perfeito e separado de todo pecado ou mal	1 Pedro 1:16
Retidão	A santidade aplicada aos relacionamentos; a lei de Deus e suas ações são perfeitamente retas	Salmo 19:7-9; Jeremias 9:24 ^a
Verdade	Acordo e consistência com tudo o que é representado pelo próprio Deus	João 14:6; 17:3
Genuinidade	Deus é real e verdadeiro	Jeremias 10:5-10; João 17:3
Veracidade	Deus fala a verdade e é digno de confiança	1 Samuel 15:29; João 17:17,19; Hebreus 6:18; Tito 1:2
Fidelidade	Deus prova ser fiel. Ele mantém as suas promessas	Números 23:19; Salmo 89:2; 1 Tessalonicenses 5:24
Personalidade	Deus é pessoal. Ele tem vontade, intelecto e sentimentos	Êxodo 3:14; Gênesis 3
Vida	Deus é vida e fonte última de toda a vida	Êxodo 3:14; Jeremias 10:10; João 5:26
Misericórdia	A terna compaixão de Deus para com as pessoas miseráveis e necessitadas que Ele ama e o fato de não dar aos pecadores aquilo que eles merecem	Êxodo 3:7,17, Salmo 103:13; Mateus 9:36
Persistência	A natureza longânima de Deus e sua paciência para com seu povo	Salmo 86:15; Romanos 2:4; 9:22

ANEXO 3

UMA APRESENTAÇÃO BÍBLICA DA TRINDADE ATRAVÉS DOS ATRIBUTOS

Teologia Cristã em Quadros – Wayne House

1. Pessoas com a mesma essência: Atributos aplicados a cada pessoa;
2. Igualdade com diferentes funções: Atividades que envolvem as três pessoas.

ATRIBUTOS	PAI	FILHO	ESPÍRITO SANTO
Eternidade	Salmos 90:2	João 1:2; Apocalipse 1:8,17	Hebreus 9:14
Poder	1 Pedro 1:5	2 Coríntios 12:9	Romanos 15:19
Onisciência	Jeremias 17:10	Apocalipse 2:23	1 Coríntios 2:11
Onipresença	Jeremias 23:24	Mateus 18:20	Salmo 139:7
Santidade	Apocalipse 15:4	Atos 3:14	Atos 1:8
Verdade	João 7:28	Apocalipse 3:7	1 João 5:6
Benevolência	Romanos 2:4	Efésios 5:25	Neemias 9:20
Criação do Mundo	Salmo 102:25	Colossenses 1:16	Gênesis 1:2; Jó 26:13
Criação do Homem	Gênesis 2:7	Colossenses 1:16	Jó 33:4
Batismo de Cristo	Mateus 3:17	Mateus 3:16	Mateus 3:16
Morte de Cristo	Hebreus 9:14	Hebreus 9:14	Hebreus 9:14

ANEXO 4

OS NOMES DE DEUS

Teologia Cristã em Quadros – Wayne House

NOMES	SENTIDO/SIGNIFICADO	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Jeová/lavé	O autoexistente, O Eterno, O nome próprio e pessoal de Deus – “EU SOU O QUE SOU”	Êxodo 3:14-15, 6:3; Salmos 68:4, 76:1; Jeremias 31:31-34
Jeová Jiré	O Senhor proverá	Gênesis 22:8-14
Jeová Nissi	O Senhor é minha bandeira	Êxodo 17:15
Jeová Shalom	O Senhor é paz	Juízes 6:24
Jeová Sabaoth	O Senhor dos Exércitos	1Samuel 1:3, 17:45; Salmos 24:10, 46:7,11
Jeová Macadeshém	O Senhor é vosso santificador	Êxodo 31:13
Jeová Raah	O Senhor é o meu pastor	Salmos 23:1
Jeová Tsidkênu	O Senhor é nossa justiça	Jeremias 23:6, 33:16
Jeová El Gemolah	O Senhor é o Deus da retribuição	Jeremias 51:56
Jeová Nakeh	O Senhor que fere	Ezequiel 7:9
Jeová Shamá	O Senhor que está presente	Ezequiel 48:35
Jeová Rafá	O Senhor que sara	Êxodo 15:26
Jeová Eloim	Senhor, o poderoso	Juízes 5:3; Isaías 17:6
Adonai	Senhor, Mestre – O Nome de Deus usado em lugar de Jeová quando o nome próprio de Deus passou a ser considerado muito sagrado para ser pronunciado.	Êxodo 4:10-12; Josué 7:8-11
Elohim	Poderoso – termo plural aplicado a Deus, que geralmente se refere à sua majestade ou à sua plenitude.	Gênesis 1:1,26-27, 3:5, 31:13; Deuteronômio 5:9, 6:4; Salmos 5:7, 86:15, 100:3
El Elion	Altíssimo (literalmente, o Poderoso mais forte).	Gênesis 14:18; Números 24:16; Isaías 14:13-14
El Roi	O Poderoso que vê	Gênesis 16:13
El Shadai	Deus Todo-Poderoso	Gênesis 17:1-20
El Olam	Deus Eterno ou Deus da Eternidade	Gênesis 21:33; Isaías 40:28

El Elohe Israel	Deus, o Deus de Israel	Gênesis 33:20
Ieshua	Jesus, o Senhor é Salvador ou é Salvação	Mateus 16:13-16; João 6:42; Atos 2:36; Tito 2:13; 2 Pedro 1:11
Christós	Cristo, Messias, o Ungido	Mateus 16:13-16; João 1:41, 20:31; Atos 2:36; Romanos 6:23; Tito 2:13; 2 Pedro 1:11
Kírios	Senhor, Mestre	Lucas 1:46; Atos 2:36; Judas 4
Sotêr	Salvador; aquele que livra do perigo ou da morte	Lucas 1:47, 2:11
Theós	Deus, um substantivo genérico que pode referir-se a qualquer deus ou ao verdadeiro Deus; aplicado ao Senhor Jesus como verdadeiro Deus	Lucas 1:47; João 20:28; Tito 2:13; 2 Pedro 1:11

LINGUAGEM ANTROPOMÓRFICA NA BÍBLIA*Extraído da Bíblia da Escola Bíblica*

A forma como a Bíblia fala de Deus pode perturbar algumas pessoas. O Salmo 73:20, por exemplo, fala sobre o despertar de Deus. Já o Salmo 121:4 diz que Deus não dorme. Mais do que uma aparente contradição, a questão que emerge dessa forma de expressar sobre Deus é que tal linguagem se refere ao Senhor de toda a criação como se fosse humano. Essa linguagem é chamada de antropomórfica. Ela utiliza elementos conhecidos e experimentados pelos humanos para descrever o desconhecido.

A linguagem antropomórfica não deve ser motivo de pensarmos que a Bíblia ensina algo falso acerca de Deus, visto que o Senhor se dá a conhecer a nós por meio de sua criação, inclusive por meio de nossa humanidade. Entretanto, essas descrições não devem ser tomadas isoladamente desconsiderando seu contexto e a relação do elemento humano com o caráter de Deus.

A seguir uma lista com alguns desses elementos antropomórficos aplicados à Deus na Bíblia:

ELEMENTOS	APLICAÇÕES
Criação em geral	Deus é comparado a um leão (Isaías 31:4); a uma águia (Deuteronômio 32:11); a um cordeiro (Isaías 53:7); a uma galinha (Mateus 23:37); ao Sol (Salmo 84:11); à luz (Salmo 27:1); ao fogo (Hebreus 12:29); a um manancial (Salmo 36:9); a uma sombra (Salmo 91:1); a uma rocha (Deuteronômio 32:4).
Obras humanas	Deus é comparado a uma lâmpada (Apocalipse 21:23); a uma torre (Provérbios 18:10); a um escudo (Salmo 84:11); a um santuário (Apocalipse 21:22).
Funções humanas	Deus é noivo (Isaías 61:10); marido (Isaías 54:5); pai (Deuteronômio 32:6); juiz e rei (Isaías 33:22); guerreiro (Êxodo 15:3); edificador (Hebreus 11:10); pastor (Salmo 23:1); médico (Êxodo 15:26).
Corpo humano	Deus tem face (Êxodo 32:20); olhos (Salmo 11:4); ouvidos (Salmo 55:1); narinas (Deuteronômio 33:10); boca (Deuteronômio 8:3); língua (Isaías 30:27); costas (Jeremias

	18:17); braços (Êxodo 15:16); mãos (Números 11:23); dedos (Êxodo 8:19); coração (Gênesis 6:6); pés (Isaías 66:1).
Ações humanas	Deus sabe (Gênesis 18:21); lembra (Gênesis 8:1); vê (Gênesis 1:10); ouve (Êxodo 2:23); cheira (Gênesis 8:21); prova (Salmo 11:5); permanece (Salmo 9:7); levanta (Salmo 68:1); anda (Levítico 26:12).
Sentimentos humanos	Deus sente alegria (Isaías 62:5); pesar (Salmo 78:4); ira (Salmo 2:5); amor (João 3:16); ódio (Deuteronômio 16:22).

BIBLIOGRAFIA

Livros

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo, Cultura Cristã, 2007.

BÍBLIA DA ESCOLA BÍBLICA. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil e Editora Cristã Evangélica, 2016.

BÍBLIA SAGRADA – Edição do Centenário da Primeira Igreja Batista em Divinópolis; Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 2019.

COSTA, João Arantes, Oliveira, Odila Braga, Neuwirth, Franck e Pereira, Emerson da Silva. **Quão Grande és tu – Estudos sobre Deus e seus atributos**. São Paulo, Editora Cristã Evangélica, 2002.

CHAMPLIN, Russel N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo, Hagnos, 2014.

FERREIRA, Franklin. **Teologia Cristã – Uma introdução à sistematização das doutrinas**. São Paulo, Vida Nova, 2011.

FERREIRA, Franklin e Myatt, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo, Vida Nova, 2007.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de Apologética: resposta aos críticos da fé cristã**. São Paulo, Editora Vida, 2002.

_____. **Teologia Sistemática – Introdução à Teologia: A Bíblia, Deus e a Criação**. Volume 1; Rio de Janeiro, CPAD, 2015.

_____. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo, Editora Vida, 2006.

GRANCONATO, Marcos. **Pequeno manual de doutrina básicas**. São Paulo, Hermeneia Editora, 2014.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. São Paulo, Vida Nova, 1999.

_____. **Bases da fé cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender**. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2018.

HOUSE, Wayne. **Teologia Cristã em Quadros**. São Paulo, Editora Vida, 2000.

LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

LOURENÇO, Adauto José Boiança. **Gênesis 1 & 2: a mão de Deus na criação**. São Paulo, Editora Fiel, 2011.

MACARTHUR, John. **Deus: face a face com sua majestade**. São Paulo, Editora Fiel, 2013.

PFEIFFER, Charles F., Vos, Howard F. e Rea, John. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro, CPAD, 2015.

REVISTA FUNDAMENTOS – **Revista da Nossa Escola Bíblia Dominical 2013**. Primeira Igreja Batista em Divinópolis.

Sites consultados

www.palavraprudente.com.br

www.gotquestions.org

www.teologiadescomplicada.com.br